

Hebe
Rôla

90 anos de vida ❄️



Em Mariana

A arte esvoaça no voo dos pássaros

Chora no dobre dos sinos

Canta nas bandas de música

Nos conjuntos de seresteiros...

Nos corais

Pinta nos tetos dos templos e

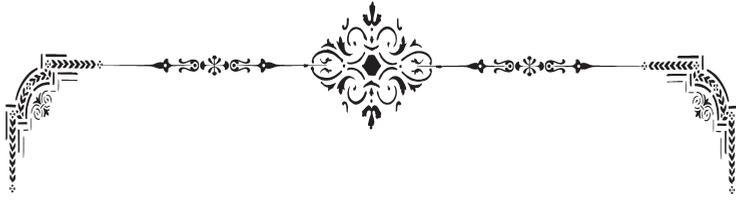
Esculpe as portas dos sacrários

Desenha nas fraldas das montanhas

Borda nas minas

E nos leitos dos rios...

Hebe Rôla



Hebe Rôla

90 anos de vida*

*75 anos dedicados à Educação
e à Cultura Marianense

Andreia Donadon Leal
(ORGANIZADORA)

1ª Edição

ALDRAVA LETRAS E ARTES
Mariana-MG / BRASIL
2021



Copyright © Aldrava Letras e Artes – 2021

Direitos reservados à Aldrava Letras e
Artes. Reprodução autorizada desta
obra, desde que citada a fonte. /////

Projeto Gráfico / Montagem: ANDREIA DONADON LEAL
Coordenação da Edição: ANDREIA DONADON LEAL
Diagramação: GABRIEL BICALHO
Capa / Foto: AILTON FERNANDES
Revisão: AUTORES

LEAL, Andreia Donadon; / (ORGANIZADORA)

HEBE RÔLA - 90 Anos de Vida.

Mariana: Aldrava Letras e Artes, 2021;

1^a. Edição; 128 páginas.

ISBN: 978-65-991310-6-6

CBL

1. Ensaios
2. Crônicas
3. Poesias

800

CDD 869.1

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme legislação em vigor. ///

Tiragem: 200 Exemplares. ///

ALDRAVA LETRAS E ARTES
Rua São Gonçalo, 123
Bairro São Gonçalo
35420-000 = Mariana / MG
www.jornalaldrava.com.br

APRESENTAÇÃO:

Hebe Rôla

90 Anos de Vida

*Andreia Donadon Leal**

Minha gratidão à professora Hebe Rôla é imensurável. Meu anjo da guarda nos tempos de graduação, quando cursava Letras na Universidade Federal de Ouro Preto. Ela, várias vezes me socorreu, abrigando-me em sua casa até que melhorasse, pois naquele tempo sofria de irremediável problema de saúde. Completando 90 anos e na presidência da Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes, ativa participante da ALACIB-MARIANA e da ALDRAVA LETRAS E ARTES e na coordenação da Academia Brasileira de Autores Aldravianistas – Infantojuvenil e da Academia Marianense Infantojuvenil de Letras, Ciências e Artes (idealizadora e coordenadora); enfrenta a pandemia produzindo e publicando em redes sociais, Hebe continua com a vitalidade de sempre. Essa vitalidade não poderia deixar de ser comemorada com a publicação deste livro em sua louvação. Convidei acadêmicos, parceiros de trabalho e de vida literária para participarem desta publicação. Prontamente todos atenderam e enviaram textos que marcam a grandeza do espírito criativo, empreendedor e benevolente da mais popular professora de Mariana.

Fiquei feliz com o resultado. Essa publicação,



embora singela, é uma sincera homenagem da Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes, da Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil (ALACIB-MARIANA), da ALDRAVA LETRAS E ARTES, da Academia Brasileira de Autores Aldravianistas – Infanto-juvenil, da Academia Marianense Infantojuvenil de Letras, Ciências e Artes e da Universidade Federal de Ouro Preto à sua louvável trajetória profissional, artística, literária e de pessoa que prestou assistência à sociedade desmedidamente.

Parabéns por esta data natalícia, e desejos de muitos anos de vida!

***Andreia Donadon Leal:** Membro da Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes; Presidente da ALACIB-MARIANA; Coordenadora de projetos culturais da ALDRAVA LETRAS E ARTES. Ex-aluna da Professora Hebe Rôla: ICHS/UFOP (1998 - 2002). ////



A Arte de Cerzir
Hebe Rôla

Não costuro	miragem
algodão ou seda	de amor
cirzo ideias	eterno
onomatopeias	com trinado
emendo	de pássaros
remendo	e néctar
corto radicais	de flores
retalho palavras	bordo
combino	poemas
desfaço	cerzindo
raízes	morfemas
sacralizadas	trovas
do algodão	haicais
que aquece	aldravias
acaricia	epitáfios
acalenta	frios
corações	em cruz
com a seda	tremeluzindo
macia	fonemas
que encanta	signos
traíçoera	de luz



Com esse poema, deixamos nossa homenagem ao “Dia Internacional do Idoso”, instituído pela Organização das Nações Unidas em 1991, nos lembrando a importância de garantir os direitos à população da terceira idade. (Fonte: *Museu Casa Alphonsus de Guimaraens*).



Foto de HEBE RÔLA





Textos em
Homenagens à Hebe Rôla





Membros da Casa de Cultura - Academia
Marianense de Letras, Ciências e Artes:

Andreia Donadon Leal

Angelo Oswaldo

Anício Chaves

Danilo Gomes

Francisco José dos Santos Braga

Gabriel Bicalho

Hebe Maria Rôla Santos

J.S.Ferreira

José Anchieta da Silva

Luciano Guimarães Pereira

Luiz Tyller Pirola

Rafael Arcanjo Santos de Letras.

Samylla Mól



/ *Andreia Donadon Leal* –

Membro da Academia Marianense de Letras, da
ALACIB-MARIANA, daALDRAVA LETRAS E ARTES e da AMULMIG
(Discurso de Saudação à Hebe Rôla na AMULMIG –
Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais)

Falar de **HEBE MARIA RÔLA SANTOS**, para mim, não é falar exclusivamente da Educadora, da Acadêmica, da Escritora no sentido lato da PALAVRA; da Estudiosa e Pesquisadora do folclore e da cultura Popular, mas do ser humano multifacetário, extraordinário, incansável, e de valor imensurável, para a história da Literatura e da Cultura Popular Mineira, que hoje está aqui, sendo acolhida com honras e louvores, na Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, representando a cidade de Mariana. Ser nomeada membro desta Academia de Letras é ter o reconhecimento do trabalho em torno da defesa da Língua Pátria e da Cultura. O Presidente Emérito da AMULMIG, Dr. Luiz Carlos Abritta, disse em um de seus magníficos discursos de Final de Ano, que a AMULMIG é a academia que busca, em lugares mais longínquos dos Municípios Mineiros, JÓIAS RARAS. O Acadêmico Abritta frisou: “aqui, na Casa de São Francisco de Assis, abrigamos jóias raras do interior mineiro”! Bem o disse, pois hoje, estamos com UMA JÓIA da PRIMAZ DE MINAS, quiçá a jóia mais rara, brotada e batizada naquela cidade, para ser BALUARTE DA CULTURA, nos últimos sessenta anos.

Na história da mineração no Brasil, as primeiras pedras preciosas foram descobertas na Região dos Inconfidentes. O ouro é sinal de riqueza, de abundância e forma de sobrevivência para muitos trabalhadores. Mas, a Região não se contentou em criar apenas “minas importantes” para a exploração e sustentação do homem; criou também, nas Margens do Ribeirão do Carmo,



RIQUEZA INTELLECTUAL, nascida e criada no seio Materno de Minas Gerais. Eis nossa RIQUEZA MAIS PRECIOSA, a Acadêmica Hebe Maria Rôla Santos, personagem atuante na cultura, na intelectualidade, na Educação e na Pesquisa sobre a Linguagem dos Sinos, na Primaz de Minas. A tarefa de apresentá-la à AMULMIG é de extrema responsabilidade; responsabilidade essa que tenho o maior prazer e orgulho de fazer, pois, dignificante e honroso é o trabalho DA DAMA DA CULTURA de Mariana, que se destacou e se destaca desde a Primaz; escalou, com energia e garra poética, as montanhas de Minas, com trabalho, talento e desempenho inigualáveis, para ser exemplo. Sua missão é ser EXEMPLO para a Humanidade, Professora Hebe, mas os bons exemplos devem ganhar espaço, notoriedade e respeito. Ninguém tem o poder, nem o direito de fazer-lhes sombra ou desprezar seu talento. Os bons exemplos são descobertos, são e serão sempre lembrados e até “copiados” (não vejo mal em copiar os bons exemplos), pois eles trabalham MUITO e são gigantes em seus atos e em sua benevolência. As palavras são anãs, os exemplos são gigantes, segundo um provérbio suíço. Dar o exemplo não é a melhor maneira de influenciar os outros – É A ÚNICA, bem disse o teólogo, músico, filósofo e médico alemão, Albert Schweitzer. A acadêmica Hebe Rôla não trabalha somente com projetos para um futuro melhor da humanidade, mas para o presente, para o aqui e o agora, que é a forma plena de toda VIDA. É no presente que HEBE RÔLA coloca sua energia, sua atenção e sua concentração. É no presente que HEBE investe todas as suas ações e seus esforços, pois é nele que podemos modificar as consequências do passado, mudar as perspectivas e as possibilidades para um futuro melhor. Para destacar todos os méritos da grandiosa Acadêmica HEBE MARIA RÔLA SANTOS, eu



precisaria de um dia e de uma noite, de discurso ininterrupto, na Egrégia CASA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS. Não o farei e nem solicitarei à digníssima Presidenta Elisabeth Rennó, um dia e uma noite, para discursar sobre o trabalho hercúleo da Professora Escritora Hebe Rôla, mas tentarei no breve momento que é me concedido hoje, falar sobre a obra e o trabalho da Nobilíssima Acadêmica.

SOBRE HEBE RÔLA

Hebe Maria Rôla Santos nasceu em Mariana, MG, em 23.06.1931; filha de José de Carvalho Rola e Guiomar Marques Rola. É ensaísta, poetisa, professora e folclorista. Professora Emérita da Universidade Federal de Ouro Preto, Vice-presidente da Casa de Cultura- Academia Marianense de Letras. Licenciada em Língua Portuguesa, Língua Francesa e Especialista em Leitura e Produção de Textos: PUC-MG. Foi Professora: de Língua Portuguesa – Ensino Médio no Colégio Providência – Mariana – MG; no Colégio Alfredo Baeta – Ouro Preto – MG. Professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II – E. E. Dom Silvério – Mariana; Professora de Ensino Fundamental I – E.E. de Bandeirantes-Bandeirantes- Mariana. Auxiliar de Inspeção e Inspetora Municipal: Diretora Concursada da Escola Estadual Cel Benjamim Guimaraens – Passagem de Mariana. Professora de Língua Portuguesa e Suas Literaturas – Curso de Letras na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Campus Mariana – MG. Professora de Língua Portuguesa e de Prática e Metodologia de Ensino no Curso de Filosofia do Seminário Nossa Senhora da Boa Morte na Arquidiocese de Mariana – Mariana – MG. Na UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (campus



Mariana) exerceu as funções de: - Professora de Língua Portuguesa – Leitura e Produção de Textos – Nos Cursos de Letras, História, Farmácia e Nutrição; - Professora de Literatura Infantojuvenil – Curso de Letras; - Prática de Ensino de Língua Portuguesa – Curso de Letras; - Professora de Língua Francesa – Curso de Letras; - Professora de Língua Portuguesa para Estrangeiros; - Além de ter lecionado no Curso de Letras nas Unidades da UFOP em Itabirito e Santa Bárbara. Desenvolveu inúmeros Projetos de Extensão da UFOP, entre eles: Contadores de causos e histórias; Toques e Repiques; Letravida: Vivência e Processos Mnemônicos na terceira idade; Projeto Língua portuguesa através da música e da Contação de Histórias nas escolas estaduais e municipais da Região dos Inconfidentes – Minas Gerais; Criadora e coordenadora da Academia Infantojuvenil de Letras de Mariana – MG; Curso de iniciação ao teatro, Criadora e promotora do “Cantando Alphonsus”, em parceria com o Museu Casa Alphonsus de Guimaraens. Pesquisadora do folclore, especialmente: personagens, cantigas, linguagem dos sinos de Mariana e Ouro Preto, histórias, parlendas e causos da Região dos Inconfidentes. Na área social, a Acadêmica HEBE MARIA RÔLA SANTOS, foi Presidente das Voluntárias das Obras Sociais Monsenhor Horta, por 10 anos, coordenando atividades e desenvolvendo projetos no Hospital Monsenhor Horta, na creche Casinha de Nazaré e no Lar Santa Maria – Mariana–MG. Recebeu centenas de medalhas, títulos, troféus e comendas, entre eles: Medalha do Dia de Minas – Governo do Estado de Minas Gerais. - Comenda Padre Avelar – Câmara Municipal de Mariana - Medalha Cláudio Manoel da Costa – Centro de Ensino Federal e Tecnológico – Ouro Preto – MG. Título de Professora Emérita da UFOP. - Comenda Irmã Dulce – Personalidade Feminina de 2008



– INBRASCI – RJ. - Medalha de Recompensa à Mulher – Maçonaria Fluminense e Academia Maçônica de Artes, Ciências e Letras do Rio de Janeiro. - Título de “Doutora Honoris Causa – da Academia de Letras do Brasil. Foi Vice-Presidente da Casa de Cultura - Academia Marianense de Letras (desde 2017 é Presidente da Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras. Ciências e Artes), Membro Efetivo da Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil – Mariana e da AMULMIG. Membro Efetivo do Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais de Minas Gerais, Secretária e fundadora da ALDRAVA LETRAS E ARTES; Membro da Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas; Embaixadora Universal da Paz pelo Círculo Universal dos Embaixadores da Paz, entidade ligada à Organização das Nações Unidas (ONU). Publicou os livros: *O Bem-te-Sino* (literatura infantojuvenil - 2004); *Aldravismo: a Literatura do Sujeito* (coautoria); *O Dia de Minas* (coautoria); *Mãos de Mariana* (coautoria); *Pequeno Dicionário da Linguagem dos Sinos* (coautoria); *Chitarô. Cadê o Gato?* (autora). *Escritores Contemporâneos de Minas Gerais* (coautoria – coletânea lançada no 17º Salão do Livro de Paris); *Cronistas e Contistas de Mariana* (coautoria); *Livros das Aldravias: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8 e 9* (coautoria). Crônicas, ensaios, artigos e contos em revistas universitárias e jornais.

Segundo o exposto pelo professor Dr. J.B. Donadon-Leal no prefácio da obra *O BEM-TE-SINO*, da autora Hebe Rôla: (...) “agora podemos recuperar e registrar a linguagem dos sinos, aquela das comunicações e das festas, das missas, das adorações, das bênçãos, das mortes, etc., muito utilizada desde a primeira de Minas Colonial, especialmente em Mariana com suas igrejas barrocas a nos ensinar que a linguagem também é patrimônio cultural. Isso é o que faz Hebe Rôla, escritora e



Professora Emérita da UFOP, ao consorciar com esmero especialidades suas – contadora de história, pesquisadora da linguagem dos sinos e professora no sentido lato da palavra”. Para o Presidente da EDITORA ALDRAVA LETRAS E ARTES, Gabriel Bicalho, na obra *O Bem-Te-Sino* da acadêmica Hebe Rôla: “Didática e poesia fluem pelo coração de “*O Bem-Te-Sino*”, livro de leitura agradávelíssima, cujo fio narrativo nos leva à inteligência da linguagem dos Sinos. O cenário para esse belíssimo enredo é Mariana, a “Primaz de Minas”, onde bem-te-vis e sinos harmonizam seus cantos metálicos nas manhãs e nas tardes desta histórica cidade. *O Bem-Te-Sino* é livro que se destina não somente a crianças, mas, e tão bem, a adultos que se pretendam versados sobre a fala dos sinos”. Assim, conclui o prefaciador Donadon: “a bela história de *O Bem-Te-Sino*, lapidada por Hebe, cumpre com uma função fundamental: a formação da cultura de apoio e incentivo à criatividade infantil. É isto que nos ensina a família Bem-Te-Vi ao aceitar as peripécias do filho diferente, mas ao mesmo tempo o filho se dispõe a utilizar suas habilidades para o bem social. A singela história de *O Bem-Te-Sino* é uma profunda aula de virtudes, além de ser um registro inequívoco da linguagem dos sinos, por pouco silenciada das torres das igrejas históricas de Minas, mas agora perpetuada pela exaustiva pesquisa de Hebe Rôla e pela docilidade da divulgação dessa linguagem para um público em formação. Que todos os sinos cantem em sua homenagem, Hebe Rôla”.

No poema *CENÁRIO E CENAS*, a Acadêmica Hebe Rôla descreve com enlevo poético e voz epifânica, o histórico cenário urbano da cidade de Mariana:



CENÁRIO E CENAS

Hebe Rôla

Em Mariana
A arte esvoaça no voo dos pássaros
Chora no dobre dos sinos
Canta nas bandas de música
Nos conjuntos de seresteiros
Nos corais
Pinta nos tetos dos templos e
Esculpe as portas dos sacrários
Desenha nas fraldas das montanhas
Borda nas minas
E nos leitos dos rios,
Fotografa na cachoeira
Tece nos tapetes de pita e
Nas peneiras, esteiras e balaios de Taquara.
Coreografa e arma nas
Contas-de-lágrimas da Nossa Senhora
Batuca no Zé Pereira da Chácara
Louva no Congado da Barroca



Garimpa e bateia nos filetes auríferos
Reza nas trezenas, nas novenas e
No Setenário das Dores
Poeta no seixo rolado das ruas
E na Ponte de Tábuas
Cultiva e cultua no Seminário São José
No Seminário Nossa Senhora da Boa Morte
No Colégio Providência
No Noviciado Nossa Senhora do Carmo
Planta na colheita do milho e do feijão
Mói na mó pedra-sabão do Moinho d'água
Trota no trote da tropa
E no assobio do tropeiro
Promete, reverencia e agradece
Nos ex-votos e Monsenhor Horta
CRIA FALA
RECRIA VIBRA
INVENTA LAMENTA
REAGE e
Documenta a história do povo
Que Constrói as GERAIS!



A Acadêmica Hebe Rôla retrata com argúcia, em seu artigo publicado, na edição de nº 9, do Jornal Aldrava Cultural, de setembro de 2001, em “Por que Gaveteiros”, o significado da expressão: “... É muito conhecida a “gaveta de lavar”, aquela que o ourives deixam aberta para amparar a limalha do ouro, quando com ele trabalham. Assim, para os exploradores, Mariana é essa gaveta enorme que recolhia as limalhas dos inúmeros ourives que atraídos pelas pepitas, nestas paragens instalaram-se. Até o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, 1986, Editora Nova Fronteira, ostenta o registro: “Gaveteiros, alusão pilhérica aos habitantes de determinada região de Minas Gerais que têm o costume de esconder os alimentos em gavetas encaixadas nas mesas, quando chegam visitas”. Para desfazer o mal entendido, antes mesmo de a visita entrar na casa dos gaveteiros, brotam pessoas com bandejas de café-medroso (o que vem acompanhado de broa, queijo ou cuscuz), ou café-valente (que vem sozinho), ou ainda de uma boa panela de pedra cheia de Maneco-com-jaleco (bambá de couve com carne)”.

A Acadêmica Hebe Rôla, além de grande poetisa, pesquisadora, autora de excelentes obras de literatura infantojuvenil, é também excelsa contadora de causos e histórias. Seus causos apresentam humor refinado, personalíssimo; saborosos que seduzem, alegrem e contagiam a todos os leitores. No conto “Mariana – Sinos e Pássaros, publicado na edição de número 18, ano de 2002, no Jornal Aldrava Cultural, percebemos, o humor contagiante, sedutor e poético da narrativa:

“Menina precoce. Bem cedo aprendeu a usar como alto-falante sinos e pássaros. De qualquer ponto da cidade, o gaveteiro entende-lhe fielmente a mensagem. Das torres do São Francisco, festivamente Mariana canta o antigo provérbio: “DÁ NO PAI DÁ NA MÃE DÁ NO FIO



TAMBÉM”. Depois anuncia: “São Francisco tem missa. No Carmo não tem”. Muito artiosa, Mariana-Menina pula nos badalos dos sinos do Rosário, para contar coisas do sineiro do Rosário, para contar coisas do sineiro a São Gonçalo, que já parece não lhe dar ouvidos: “Diogo é bão Digo é bão Pra cumé feijão”. Não faltam à Cidade-Coração, oportunidades para levar ao povo o seu lamento, através dos sinos do Rosário, do Carmo, do São Francisco, das Mercês, de San’Ana, da Confraria ou da Sé. Quando morre um rico, ou um indivíduo filiado a uma ordem religiosa, solene e gravemente ela anuncia: “Tem tem bolão” “Tem tem volão” Mas se o defunto é pobre, pouco conhecido: “Tem tem bolinho. Tem tem bolinho. E às vezes, ela fica engasgada, não sobe às torres, chora baixinho e, cala-se: o defunto é pobre demais e não pertence a nenhuma irmandade. Mariana é inteligente, astuciosa, sabe fazer convenções. Imaginem que os marianenses sabem, antes mesmo de ser-lhe publicado o nome, o sexo do defunto do dia: Dois grupos de badaladas - o defunto é mulher, Três grupos de badaladas - o defunto é homem. Mariana-Menina guarda nas torres e nos ninhos, com cuidado, seus altos-falantes; pendura nos ramos as cheirosas damas-da-noite e, já cansada, fecha as janelinhas de suas casas para dormir, mas antes, como boa gaveteira, espia da greta das janelas os marianenses retardatários, que correm para chegar em casa antes da “Procissão das Almas”. E hoje, aos trezentos e seis anos, por que e por quem Mariana dobra os sinos? Pelos auspícios Suplícios? Pelo poema Dilema? Pela desilusão Reação? Pelo poeta Profeta? Por Zeus Deus? Mariana-Menina a cismar e a duvidar, murmura quase silente, pendurada no sino da Capela da Senhora da Boa Morte, ali no Seminário Menor:



- Sei...
- Não sei...

- Sei...
- Não sei...
- Sei...
- Não sei...
- Seeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeei” ...

Majestoso é também, o trabalho que a Acadêmica HEBE MARIA ROLA SANTOS, desenvolveu e desenvolve ao longo de sua vida, em prol da Cultura, do Convívio Social, da Paz, da Educação e da Literatura Mineira. Sua Missão na terra é transformar, partilhar e ser instrumento da Paz; levando amor, perdão, união, fé, verdade, esperança, alegria e muita luz, às crianças, aos jovens e aos idosos, em Mariana. Digo em alto e bom tom para a Acadêmica Hebe Maria Rôla Santos, Mestra e Colaborada atuante e participante, na preservação dos bens materiais e imateriais do Município em que nasceu, mora, trabalha, ama e vive

- Em nome dos confrades desta conceituada Academia de Letras, em nome da população marianense, a Primaz de Minas Gerais, cenário de inúmeras ideias poéticas, religiosas, científicas; cenário de tantas lutas por liberdade e respeito aos direitos, inclusive ao de expressão da Língua Portuguesa, SEJA BEM-VINDA a esta casa de letras, à cadeira do Marianense JOSE SEVERIANO DE RESENDE e que as formas plásticas da poesia de Alphonsus de Guimaraens, o impulso criativo da poesia árcade de Cláudio Manoel da Costa e Alvarenga Peixoto; a arte barroca de Lisboa e do Mestre Ataíde e a poesia aldravista, nascida, produzida e cravejada na cidade de Mariana no século XXI, iluminem sua imortalidade na Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais!



A Musa da Cultura

/ *Angelo Oswaldo* –

Membro da ACADEMIA MARIANENSE DE LETRAS
e da MINEIRA DE LETRAS // PREFEITO DE OURO PRETO

O nome de musa distingue à perfeição a mulher que, entre as tágides do Ribeirão do Carmo, cultiva a literatura, as artes e a história da primeira cidade das Minas Gerais. A dedicação e o zelo de **Hebe Rôla** para com as coisas da cultura fazem dela uma referência. Na Academia Marianense e na Casa de Cultura, trouxe aos nossos dias as lições de Moura Santos e Roque Camello por meio de sua sensibilidade singular. Por toda parte, percebem-se os reflexos dessa atuação.

Ouvir sua palavra encantadora, ler seus textos, contar com o brilho de sua presença, é o que se espera sempre no correr da vida cultural da cidade primaz. Hebe conversa com os festivos responsos da cidade e traduz a mensagem de cada sino, ao compor o hinário do carrilhão de Mariana para celebrar uma sonoridade que se tornou patrimônio cultural dos mineiros.

Os 90 anos de **Hebe Rôla** são motivo de grande alegria. Participo da celebração com um abraço afetuoso e o aplauso de Ouro Preto, cidade que dela sempre recebe admiração e carinho retribuídos com igual respeito.



Professora Hebe Maria Rôla: um ícone da Cultura em Mariana

/ *Anicio Chaves* –

Membro da ACADEMIA MARIANENSE DE LETRAS, da
ALACIB e da Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas

Nem todos que veem aquela senhora de cabelos brancos, esguia, impecavelmente trajada, caminhando pelas ruas de Mariana, sabem o que ela significa para esta cidade. Mas quem é ela afinal! Seu nome é Hebe e é conhecida e tratada por todos como: Dona Hebe.

O seu caminhar pelas ruas de Mariana nunca é direto do ponto inicial ao de chegada, pois, a todo momento o trajeto é interrompido para cumprimentar uma pessoa, orientar um estudante ou mesmo para contar uma história. Quem não a conhece, depois de poucos minutos de prosa, logo percebe se tratar de uma pessoa muito culta e experiente na arte de lidar com pessoas e possuidora de uma didática que se aplica a todas as classes. Suas qualidades e virtudes são muitas e isto a torna uma pessoa admirável, como mãe, como professora, como cidadã. Incentivadora de boas causas, enérgica quando é preciso e prudente sempre. Possuidora de fértil imaginação criou projetos que hoje são realidades que comprovam a sua genialidade e habilidade para lidar com a cultura e o meio de convivência.

A Academia Infante – Juvenil, por exemplo, é uma criação que mostra dela a capacidade de conciliar pessoas em diferentes etapas de vida com uma cultura progressiva, treinando jovens para uma promissora carreira acadêmica. Observando-se as apresentações dos jovens acadêmicos em eventos culturais, pode-se notar



que a interação da mestra com eles é perfeita e na interpretação dos textos eles revelam a jovialidade da mesma. A emérita professora Hebe é de uma versatilidade incrível, que nada parece ter a ver com sua idade, pois, sempre está com energia e disposição à frente dos jovens, ativa com o grupo das senhoras bordadeiras, animada nas apresentações da Banda União XV de Novembro, enfática quando declamando Alphonsus, entusiasta cantando Ataíde, contrita na procissão das almas e sobretudo muito atenta quando entrevistada, sabedora da heterogeneidade da plateia que a acompanha.

São noventa anos certamente bem vividos e dedicados à formação de muitas crianças, jovens e adultos que muito aprenderam e se divertiram com ela, pois suas aulas certamente eram recheadas de estórias e causos como ilustrações, no que ela é mestra e grande conhecedora do folclore. São noventa profícuos anos dedicados à cultura e a preservação da história e da memória, patrimônios imateriais da nossa cidade.

Parabéns, portanto, minha muito cara presidente e confreira Hebe por mais esta jubilosa data e pelos muitos serviços prestados a gloriosa Academia Marianense de Letras. Parece que foi outro dia mesmo ao partir de um bolo no andar de cima da casa de cultura que alguém lhe perguntara pela idade e a resposta foi pronta e altiva: “oito ponto nove meu caro. É pouco!” Parabéns por tantos bons serviços prestados e lhe auguramos muitos anos mais à nossa frente, puxando o cordão dos amantes da educação e da cultura para continuar contando causos, cantando Alphonsus e decorando com Ataíde tudo que faz com tanto entusiasmo e competência que lhe são peculiares.



Com Hebe Rôla, em Mariana

/ Danilo Gomes –

Membro da ACADEMIA MARIANENSE DE LETRAS
e da MINEIRA DE LETRAS

“Mas, como o humano é frágil e perecível, teremos sempre de buscar ao redor de nós pessoas que amaremos e por quem seremos amados: privada de afeição e de simpatia, a vida não tem qualquer alegria.”

(Cícero, na obra “Lélio ou A amizade”)

Já não estou mais em Brasília, no ano de 2021, esperando a vacina contra a covid-19 para os idosos, como eu. Já não sou mais o pai de um filho, uma filha, e o avô de dois netos e duas netas. Entro numa nave do tempo, imaginada por Leonardo da Vinci ou Júlio Verne e volto à minha infância. Regresso ao ano de 1948 e essa nave fabulosa me deixa em Mariana. Estou novamente na minha cidade natal, na aurora casimiriana da minha vida. Volto a ter 6 anos de idade. Sou um menino de calça curta, pasta escolar na mão, e saio de casa, na Avenida Salvador Furtado, perto da torrefação e da Pensão Souza, de D. Ritinha e Sô Altivo. Vou para a aula particular da jovem professora Nívia Maria Santos, na Rua Direita, nº 1, no solar dos pais dela, colado à Sé Catedral.

Subo a rua onde moram José Dias e família, Canuto Muzzi e família, Wilson Petrillo e família, Celestino e Didina e família. Passo pela sede do Guarany Futebol Clube, num sobrado que foi dos meus avós maternos, Pedro e Sinhá Motta. Em frente ao Guarany, o sobrado de Paulo Muzzi e família. Ali perto é o solar de Benjamin Lemos e família. Dobro à esquerda e entro na Rua Direita,



famosa pelo comércio. É a nossa Rua do Ouvidor (Rio de Janeiro). É a nossa Rue Saint Honoré ou a nossa Rue Vivienne (Paris). O movimento ali é intenso. É uma rua alegre. O menino caminha sozinho para a aula particular de D.Nívia. Passa em frente ao solar da família de Waldemar de Moura Santos. Passa na venda de Nico “Fidirico” e compra uma deliciosa cocada preta, que vai saboreando rua afora. Comprou-a com uma moedinha com a efígie de Getúlio Vargas. Como eu disse, corre o ano feliz de 1948. A guerra acabou desde maio de 1945. As bandas de música marianenses, União XV de Novembro e São José, sempre tocam dobrados marciais que lembram as vitórias dos Aliados sobre os países totalitários do Eixo Berlim-Roma-Tóquio.

O menino chega ao sobrado do dentista Américo Vespúcio dos Santos e D. Lili, pais da jovem professora Nívia, que estudou no Colégio Providência, fundado em 1849. Sobe as escadas e vai para o salão das aulas particulares, para aprender o abecedário, as primeiras letras e frases, a tabuada e noções de coisas.

No trajeto, o menino se encontrou por acaso, naquela rua mágica e animada, com a jovem professora Hebe Maria Rôla, também formada no Colégio Providência. Todos se encontravam, se cruzavam naquela rua onde se ouvia o piano da professora D. Tereza Braga – um compasso, uma polonaise de Chopin, uma valsa dolente de Eduardo Souto. Era naquela rua o sobrado de Celso Arinos Motta, com suas quatro sacadas de pedra sabão rendada, onde morou, no século XIX, o Barão de Pontal. Era naquela rua o solar onde morou o poeta Alphonsus de Guimaraens, por 15 anos, até sua morte em 1921. Era naquela rua que ficavam a farmácia de Amâncio Arinos de Queiroz e a padaria de José Eufrásio do Nascimento.

A aula terminou. Desço as escadas do sobrado



das irmãs Nívia e Vera, ponho os pés novamente na Rua Direita. São 4 horas de uma alegre tarde solar. Ouço os sinos da Sé, de onde vem um olor de incenso – o Cabido dos Cônegos deve estar reunido. São os sinos que também encantam a moça professora Hebe Rôla, que vejo entrando na gráfica e papelaria dos irmãos Queiroz. Sô Abdo Nahim, na porta de sua loja, acena e sorri para os transeuntes. Sai de seu sobrado, com seu chapéu preto, o grave e venerável Sô Leandro Mol. De repente me deparo com o amável e festejado professor de latim, de apelido Punô (Lauro Moraes, na água do batismo).

Tietié Gambá passa vendendo suas verduras no grande balaio e canta que “comprador é manga de colete”. Sô Ivo passa, dando altas, estridentes e sonoras gargalhadas. Lá embaixo, à beira do Ribeirão do Carmo, a serriema encantada de D. Ritinha Souza canta esgançada e, lá do alto das igrejas de São Francisco e Carmo, a famosa e ruidosa araponga da casa de Monsenhor Alípio dá suas marteladas na bigorna. A araponga passa o dia na varanda, que tem quatro janelas anteriores pintadas de um azul colonial.

O tempo vai passando. Na ampulheta da eternidade a areia vai escoando lenta e inexoravelmente. A jovem professora Hebe começa a lecionar. Um dia, por volta de 1949, ela recebe um chamado. Um portador de confiança diz que seu parente Geraldo Rôla Carneiro, jovem fazendeiro viúvo, solicita que ela dê aulas particulares para suas filhas Elizabeth (Betty) e Jeanete, lá em Dom Silvério, na Fazenda da Vargem. A esposa de Geraldo (Inhô), Maria Mol Soares Carneiro, faleceu aos 27 anos, vítima de eclâmpsia, por ocasião do parto do quarto filho (o terceiro é José Geraldo, muito pequeno ainda).

Hebe, um dia, faz a mala e vai para a Estação Ferroviária, inaugurada em 1914. Ei-la agora dentro do



velho trem de ferro, a caminho da Fazenda da Vargem. Vai ensinar as primeiras letras a Betty e a Jeanete, com quem, muitos anos depois, me casei em Belo Horizonte, na igreja do Carmo, em 12-12-1970. O pai quer preparar as meninas para o internato do Colégio Maria Auxiliadora, em Ponte Nova. A professora se hospeda na fazenda. Nos fins de semana, vai para a fazenda de um tio, Caetano Rôla; é a Fazenda do Caeté, perto de Barra Longa. Desfruta o delicioso ambiente rural, pastoril. Além das cavalgadas e dos passeios de charrete, há também os bolos, broas, biscoitos, rapaduras, garapas, lombos de porco com tutu de feijão, leitões assados, linguiças e chouriços, queijos e doces. E o cheiro acre e bom de curral, perto do paiol e do monjolo.

Onde ficou o menino marianense, que gostava de cocada baiana preta e picolé de coco? Ele agora completou 10 anos e foi mandado para estudar interno no Colégio Dom Bosco, em Cachoeira do Campo, onde permanecerá em 1953 e 1954. Depois, por dois anos, estudará interno em Ouro Preto, no Colégio Arquidiocesano.

O tempo continuou passando. O antigo menino Danilo e a jovem professora Hebe tornaram-se amigos. Pertencem à mesma geração. A família do antigo menino era do PSD (Partido Social Democrático) e frequentava o clube e o campo de futebol do Guarany. A família da jovem professora era da UDN (União Democrática Nacional) e frequentava o clube e o campo de futebol do Marianense. Entretanto, as rivalidades, as animosidades, os entreveros, as quizílias políticas nunca abalaram a crescente amizade. O amor a Mariana era maior que a acirrada luta política. Era e é um amor apaixonado.

Assim, Hebe Rôla e eu construímos uma sólida e maravilhosa amizade, que o gosto pela literatura e pela história de nossa terra reforçou. Tenho acompanhado



com alegria sua vitoriosa trajetória como professora, educadora, acadêmica e escritora. Sou muito grato pela “graça do seu convívio e de sua afeição”, como escreveu Rachel de Queiroz referindo-se ao colega escritor (e grande escri-tor) Gustavo Corção (Rio, 1896-1978).

Esta modesta e singela crônica não comporta um enfoque biobibliográfico da nossa poetisa, contista, cronista, pesquisadora, folclorista e professora, atual Presidente da Casa de Cultura “ Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes e titular de outras entidades culturais. Seu incessante trabalho cultural nosso povo conhece bem. Quero apenas registrar que ela se integrou ao grupo poético Aldravia, ao lado de Gabriel Bicalho, J. B. Donadon- Leal, Andreia Donadon Leal e J.S.Ferreira. E que participa do livro “Crônicas e contos de escritoras marianenses”. Neste livro, estão, além de Hebe Rôla, Andreia Donadon Leal e Magna Campos. Nos seus contos e crônicas, Hebe Rôla evoca figuras que marcaram nossa infância e mocidade, como Ritota, China, Fanci Caiiau, Chiringa, e ainda conta casos estudantis, nos leva numa inesquecível viagem de trem até Congonhas do Campo e conta a história da parturiente Branca e de seu briguento filho Noezim, criado com “leite de cobra”... Eu diria que são casos da nossa “aldeia”, palavra que aqui não tem o sentido pretensamente pejorativo de arraial ou lugarejo sem importância. Fernando Pessoa chamava sua Lisboa natal, carinhosamente, de “minha aldeia”.

A propósito, lembro-me aqui de um dos muitos livros do escritor Napoleão Valadares, mineiro nascido no ano de 1946, em Arinos, que não é nenhuma aldeia. Esse livro de deliciosas crônicas intitula-se “Passagens da minha aldeia” (Goiânia, Editora Kelps, 2007) e dele destaco este trecho, que abre a crônica “Minha aldeia”:

“Tento recompor na memória o que foi Arinos. O



tempo que focalizo é ali por 1954, quando ingressei no grupo escolar, que tinha como professor Zé de Galdino. Mas isso é outra história. Quero falar do lugar, como era naquele tempo.”

Vou terminando. Esta é apenas uma modesta crônica memorialística, com um tanto de fantasia lírica, de um velho gaveteiro da beira do Ribeirão do Carmo e do Morro do Galego, da Ponte de Tábuas, da Ponte de Areia e da Ponte de Cimento e também do armazém de Sô Miro, do posto de gasolina de Raul Almeida e do Rancho dos Tropeiros de Sô Catinho Camêllo, pai de bela filharada.

Na pág. 17 de seu delicioso livro de crônicas “Couves da minha horta”, publicado em 1949 pela Editora José Olympio, o cronista, memorialista e historiador carioca Vivaldo Coaracy, que morou por muitos anos na paradisíaca Ilha de Paquetá, escreve:

“Sob a suave evocação dos suaves crepúsculos da ilha, sobe a maré crescente das reminiscências. Surgem do passado, para povoar a solidão, episódios e figuras que a saudade arranca ao domínio dos fantasmas. Uns suavemente melancólicos; risonhamente alegres, outros. Impressões que a vida deixou gravadas no cérebro ou no coração.”

A maré crescente das reminiscências. É o que sinto ao escrever sobre minha querida amiga Hebe Maria Rôla Santos e nossa geração.

Sim, pacientes e amáveis leitores, vou terminando, mas voltando às origens, à primeira Capital de Minas, à Primaz de Minas (*urbs mea celulla mater*). Entro mais uma vez na cápsula interestelar do tempo e desço de novo em Mariana. É uma clara manhã azul. Encontro Hebe no Jardim de Cima. Convido-a a dar uma volta comigo pela cidade, da Chácara e dos altos da arquiepiscopal igreja de São Pedro até o Barro Preto e seu cruzeiro,



lembrando-nos dos amigos que já partiram, como Jeronymo Athos Mol Santos, Salimzinho Mansur, Roque Camêllo, Pequetita e Pequenina Antunes, Miguel Ozanan de Almeida, João Décio Trópia, Paulo Godoy, José Raimundo Figueiredo, Luizinho Camêllo, Janete Nahim, Emanuel Muzzi, Nilo Ribeiro Leite, Roberto Carvalho, outros mais. Vamos dar uma volta pela Estação Ferroviária, para ver o trem misto chegar, apitando e bufando. Vamos até o Jardim de Cima, para contemplar o singelo coreto, entrar no Cine Theatro Central (nosso inesquecível Cinema Paradiso) para ver de novo “Casablanca” ou um bom e barulhento faroeste com Charles Starrett (o Durango Kid) ou Roy Rogers.

Mas isso não é possível, querida amiga Hebe Rôla – só nas nossas lembranças, na evocação da nossa mitologia pessoal afetiva, nas nossas memórias de um tempo feliz que passou.

(Brasília, 28-1-2021, no 49º aniversário de meu filho Rodrigo)



**Entrevista virtual de D. Hebe Rôla no seu
Nonagésimo aniversário concedida a:
Francisco José dos Santos Braga**

/ Francisco José dos Santos Braga –
Membro da ACADEMIA MARIANENSE DE LETRAS

Na impossibilidade de entrevistar presencialmente *D. Hebe Maria Rôla Santos* devido à pandemia, imaginei uma entrevista ficcional ou imaginária em que **HR** – sigla do nome da entrevistada – concede a entrevista a **FB** – sigla do nome do autor. O leitor poderá questionar: “Na impossibilidade de entrevistar pessoalmente HR, não podia tê-lo feito por escrito?” Até entendo. Mas se o tivesse feito, teria sido muito real, teria perdido o meu foco, eis que o meu objetivo era ser virtual, sem a pretensão de ser linear nem exato. Deixo à entrevistada decidir qual teria sido o melhor caminho.

Vamos à **Entrevista:**

No auge dos seus 90 anos, a Professora Emérita da UFOP-Universidade Federal de Ouro Preto e Presidente da Academia Marianense de Letras, educadora, poetisa, escritora, pesquisadora do folclore e da cultura, entre outras atribuições, continua trabalhando e afirma não querer parar. É ela que nos conta sobre sua paixão pela educação e pelas letras numa entrevista exclusiva.

FB: Presidente Hebe, é impressionante seu dinamismo e liderança nas suas múltiplas atividades. A sr^a não pensa em descansar um pouco?

HR: Eu continuo trabalhando porque eu quero retribuir ao povo o que ele sempre me deu e me dá. Porque o povo é bom, nós precisamos só ajudá-lo a se conduzir.



FB: Além dessa questão de retribuir, é o amor pela profissão que faz a sr^a continuar?

HR: Eu não consigo parar. Eu não sei... tenho uma força propulsora que me leva às escolas. Eu considero que lá é meu lugar também. Porque eu tenho que conviver também com as outras gerações. Então, é assim uma espécie de respeito, de carinho com a criança, o jovem e o idoso da minha terra.

FB: Qual a razão de ter escolhido a profissão de educadora?

HR: Primeiro, eu queria ser advogada. Queria defender todo o mundo que não tivesse defesa. Aquele senso de justiça que a gente tem. Mas, depois, eu tive uma experiência de pequeninha no infantil: na escola eu era monitora da professora. Isso era chique demais. Eu comecei a ver que era tão bom ensinar e comecei a aprender muito para ensinar e a estudar muito para ser uma professora digna. Porque o professor que não estuda está fadado a ser considerado um mau professor.

FB: Como pesquisadora do folclore, especialmente de personagens, cantigas, linguagem dos sinos, histórias, parlendas e causos da Região dos Inconfidentes, o que a sr^a. tem a nos dizer sobre sinos?

HR: Venho estudando os toques e repiques de sinos em Mariana e Ouro Preto desde a década de 1980 e até já dediquei um livro à criançada, intitulado *“O Bem-te-sino”* (2004). A obra fala de um bem-te-vi que queria ser um sino de Mariana, cidade que também conserva esse velho sistema de comunicação entre a Igreja e a população. E, para encantar ainda mais as crianças, cargo, para as minhas palestras, todos os personagens do livro, em forma de brinquedos. Antes da pandemia natu-



ralmente, na Escola Dom Benevides (de tempo integral), as turmas do 1º ao 5º ano ficavam de olhos grudados e ouvidos atentos para não perder nenhuma das minhas explicações. Antes da palestra, costumava convocar, especialmente para a ocasião, a centenária Sociedade Musical União XV de Novembro para a abertura, tocando um trecho de Os Sinos de Minha Terra, do compositor marianense Aníbal Walter.

Assim, conclui o prefacista J.B. Donadon-Leal”:
“(…) a bela história de *O Bem-Te-Sino*, lapidada por Hebe, cumpre com uma função fundamental: a formação da cultura de apoio e incentivo à criatividade infantil. É isto que nos ensina a família Bem-Te-Vi ao aceitar as peripécias do filho diferente, mas ao mesmo tempo o filho se dispõe a utilizar suas habilidades para o bem social. A singela história de *O Bem-Te-Sino* é uma profunda aula de virtudes, além de ser um registro inequívoco da linguagem dos sinos, por pouco silenciadas das torres das igrejas históricas de Minas, mas agora perpetuada pela exaustiva pesquisa de Hebe Rôla e pela docilidade da divulgação dessa linguagem para um público em formação. Que todos os sinos cantem em sua homenagem, Hebe Rôla”.

Em 2012, houve o lançamento do meu livro “Chitarô. Cadê o Gato?”, dedicado ao público infanto-juvenil, com ilustrações criativas e atrativas, oferecendo atividades de passatempo, testes de conhecimento e leitura sintética das histórias em quadrinhos. Para além da aparente simplicidade textual, a obra privilegia a virtude da valorização dos laços familiares que proporcionam estabilidade tanto à vida das pessoas, quanto à dos animais.



FB: E na UFOP? Como foi lecionar nessa univer-

sidade tão importante?

HR: Eu tive experiências exitosas na UFOP. Um dos projetos que eu fiz lá – também foi de extensão – foi o projeto da linguagem dos sinos que resultou no “Pequeno Dicionário da Linguagem dos Sinos”. Não era só eu: chamei outros professores para participarem. Foi muito bom esse projeto. Sempre na UFOP eu voltei os olhos para a comunidade, para casar mesmo a UFOP com a comunidade. Então, por isso, eu não trabalhei na UFOP por 40 horas no princípio, não. Fiquei vários anos no Estadual e na UFOP para fazer essa ligação entre a universidade e o ensino fundamental e médio. Eu acho que é necessária essa ligação e na UFOP felizmente a gente fez bons e sérios trabalhos, trabalhamos muito no vestibular, trabalhamos muito com a extensão e trabalhamos com a pesquisa também.

FB: Então, de certa forma, a sr^a considera que sua atividade acadêmica na UFOP despertou no seu íntimo o desejo de continuar a sua missão dentro de Academias de Letras, das quais participa?

HR: Não há dúvida de que anos a fio trabalhei com a língua e a literatura portuguesa nas escolas e na universidade. Fiquei muito familiarizada com muitos poetas simbolistas, em especial com a obra poética de Alphonsus de Guimaraens, marcadamente mística e religiosa. Esses meus estudos de suas obras me despertaram para a minha própria produção poética, como exerceram em mim um fascínio pelas Academias de Letras por sua característica de serem um local propício para troca de experiências intelectuais e divulgação de ricos trabalhos e pesquisas.

FB: De que Academias a sr^a participa hoje?



HR: Bem. Sou Presidente da Academia Marianense de Letras com muita honra, depois que Dr. Roque Camêllo nos deixou em 2017. Como era sua vice-presidente, fui eleita para sucedê-lo, como é natural nesses casos. Trabalhei com Dr. Roque por cerca de dez anos e fiz por onde ter a sua confiança como sua vice, além de termos muitas características em comum: o magistério, a produção literária, o amor à língua portuguesa, o culto às letras e às artes, e, acima de tudo, nossa identificação no ardente desejo de alçar Mariana ao pedestal de Primaz do Brasil. Você sabe o quanto eu admirava Dr. Roque.

FB: Qual foi a sua participação no convite dirigido a mim para pertencer à Academia de Mariana?

HR: Todos sabemos que era desejo de Dr. Roque trazê-lo para o nosso convívio. Quando ele não se achava mais entre nós, achei por bem respeitar o desejo dele. Mas não só dele: o escultor marianense Hélio Petrus se empenhou muito para vê-lo empossado. Igualmente, os Acadêmicos Dom Francisco Barroso Filho e Frederico Ozanan Santos também endossaram o seu nome. Mais tarde, conforme você sabe, a Diretoria Executiva decidiu sugerir-lhe o nome do próprio Roque Camêllo para seu patrono, destinando-lhe a Cadeira nº 23, que você ocupa desde 1º de junho de 2019.

FB: Além da Academia Marianense de Letras, a sr^a participa de outras Academias?

HR: Fui honrada com o convite de outras Academias para pertencer ao seu quadro de sócios. Ocupo desde 2011 a Cadeira de nº 317 na AMULMIG-Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, cujo patrono é José Severiano de Resende, poeta marianense simbolista, e a Cadeira nº 5 da Academia de Letras, Artes e Ciências



Brasil - Mariana, cujo patrono é Alphonsus de Guimaraens. Tenho ainda a grata satisfação de pertencer, como membro efetivo, ao Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais de Minas Gerais, de ser Secretária da Aldrava Letras e Artes e Embaixadora Universal da Paz pelo Círculo Universal dos Embaixadores da Paz, entidade ligada à Organização das Nações Unidas (ONU).

FB: Como detentora de diversas honrarias, qual delas lhe dá mais orgulho, além de ser professora emérita da UFOP?

HR: Agradeço-lhe a lembrança desses gratos momentos em minha vida. De fato, tenho idêntico orgulho da Medalha do Dia de Minas, concedida pelo governo mineiro; a Comenda Padre Avelar, pela Câmara Municipal de Mariana; a Medalha Cláudio Manoel da Costa, pelo Centro de Ensino Federal Tecnológico de Ouro Preto; a Comenda Irmã Dulce, pelo Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais na Confederação das Academias de Letras e Artes do Brasil. Valorizo igualmente todas essas demonstrações de carinho para com o meu trabalho, porque significam um reconhecimento de meu destaque em algum projeto que desenvolvi ou que venho desenvolvendo através de contação de causos e histórias nas escolas estaduais e municipais da Região dos Inconfidentes, criando a Academia Infanto-Juvenil de Letras e Artes de Mariana, dirigindo um curso de iniciação ao teatro ou, por fim, criando e promovendo o “Cantando Alphonsus”, em parceria com o Museu Casa Alphonsus de Guimaraens.

Olha. Os prêmios para mim me entristecem um pouco. Por um lado, eu fico feliz com eles, por serem uma honra muito grande. Mas ao mesmo tempo eu penso: “Gente, eu tenho que trabalhar muito mais para fazer jus a essa titulação que eu ganhei. Eu vejo nisso uma respon-



sabilidade igualmente grande. Aí eu começo a trabalhar mais, mas meu organismo hoje já não pode competir com um jovem. — — — — —

#Recomendo para esta quarentena

“Quem me conhece sabe que, dificilmente, fico casa. Sou muito ativa! Nesse período, de forma consciente, estou em casa trabalhando no projeto de um novo livro para crianças”



Hebe Rôla
Criadora e Coordenadora da Academia
Infantojuvenil de Letras Ciências e Artes



/ Gabriel Bicalho –

Membro da ACADEMIA MARIANENSE DE LETRAS, da ACADEMIA BRASILEIRA DE TROVAS, da AMULMIG / Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, da ALACIB-MARIANA, da ACADEMIA BARBACENENSE DE LETRAS, da ACADEMIA PONTE-NOVENSE DE LETRAS e de outras importante Academias de Letras, no Brasil e no exterior. Presidente da ALDRAVA LETRAS E ARTES.

Hebe Rôla

(Para Hebe Maria Rôla Santos,
marianense, Professora de todos nós!)

não a vermelha maçã
nossa merenda escolar
o que lhe devemos dar

nem a rosa amanhecida
furtivamente colhida
em nossos jardins da infância

o que lhe devemos dar?

um abraço / um beijo
um pedaço de queijo?
(pois Hebe é mineira!)



uma placa
/ talvez /
um busto na praça?
um nome de rua?
um pedaço da lua!
(pois Hebe é poeta!)

como devemos tratá-la?
com carinho e respeito
na mansidão da fala!

Hebe Maria Rôla:
a) dos Santos?
b) dos Anjos?
c) de Deus?
d) de todos nós!

acima
do bem ou do mal
Hebe Rôla
devemos pô-la
num pedestal!

Hebe que soma
e que se multiplica:
Hebe senda
Hebe lenda
Hebe pacífica
Hebe política
Hebe acadêmica



Hebe polissêmica
Hebe prosa
Hebe verso
Hebe oradora
Hebe universo
Hebe diretora
de faculdade
não tem idade
e embora não conte
Hebe bebe
água na fonte
da juventude!
:
devemos pô-la
num pedestal
acima
do bem ou do mal:
Hebe Rôla
de quem se ufana
nossa Mariana!

Nem sempre, de um Professor,
cuidado, assim, se concebe:
eis que brota um grande Amor,
dos saberes de nossa Hebe!

/ *Gabriel Bicalho*
(Fevereiro-2021)



/ *Dr. José Anchieta da Silva* –

Membro da ACADEMIA MARIANENSE DE LETRAS

Patrono: Dom Silvério Gomes Pimenta.

A professora Hebe Rôla, a caminho de seu centenário, celebrando 90 anos de existência, recebe a homenagem daqueles que lhe são próximos ou que, quase próximos também participam dessa necessária celebração. Por evidente que pertença ao segundo grupo, com o mesmo entusiasmo embora.

O convite para participar da celebração, estava a solicitar a produção ou de uma crônica, ou artigo, ou conto, ou poesia. Não consigo ombrear-me com meus confrades e congreiras para fazê-lo. Resta-me, sobre a homenagem, praticar uma necessária delação, ao estilo moderno, uma delação premiada, denunciando dela, aquilo que sei e que mereça, nalguma diminuta medida, ser reduzido a termo.

Nasceu Hebe Rôla em 1931, o que faz dela um testemunho-infante da segunda guerra mundial (1941-1945) e o que a torna uma figura que terá vivido como nós outros, a terceira guerra mundial, cujo inimigo da humanidade, único e atrevido, é o coronavírus (Covid-19) e que há de ser brevemente vencido pela ciência e pela compreensão dos pró-homens de uma sociedade de gente-bem que não aceita colocar em confronto a ciência com a política. Nesse embate, quem se ridiculariza é a política, nunca a ciência. Assim, com esta segunda vitória, Hebe Rôla terá acumulado na sua longa existência duas vitórias em termos universais.

O fascínio que me cativa, sintetizado nos embates com a discussão científica de todos os temas da minha área de conhecimento e a vida acadêmica é que nos



aproximou, colocando-me genuflexo diante da biografia da homenageada: escritora, pesquisadora, professora. Isto é tudo. Tenho a honra de ser dela confrade na Academia Marianense de Letras e na Academia Municipalista de Minas Gerais, nesta segunda, ela representando o município de Mariana, a Roma de Minas, e eu representando o município da Santa Bárbara, a terra do presidente Affonso Augusto Moreira Penna.

Como lente, a professora Hebe Rôla ensinou e ensina Língua Portuguesa e suas literaturas; Língua Portuguesa e Produção de Textos. Seus altares ou púlpitos de pregação, foram ou são, a Universidade Federal de Ouro Preto, a Universidade Católica de Minas Gerais – Campus Mariana, Curso de Filosofia do Seminário Nossa Senhora da Boa Morte, em Mariana, além de escolas de ensino fundamental na região de Mariana. É, portanto, Hebe Rôla, uma das últimas guardiãs da ‘última flor do Lácio, inculca e bela’ na expressão feliz de Olavo Bilac, que não pode ser esquecida, nesses tempos em que se conversa com os dedos, cabisbaixo, e monossilabicamente.

Presidindo a Academia Marianense de Letras, com o falecimento do amigo e conselheiro Roque Camêllo, a homenageada professora Hebe se superou. A substituição do presidente anterior, falecido sem maiores avisos, colocou em risco a continuidade da mais ativa de todas as academias tradicionais de nossa Minas Gerais. Recaindo a escolha sobre o nome da acadêmica Hebe Rôla, o timão foi entregue a timoneira que sabia o valor do navio, a relevância de seu conteúdo e os mares por onde navegava. É Hebe Rôla a responsável número um pela continuidade de todas as atividades dessa academia, das mais expressivas no cenário cultural de Minas e do Brasil.

Antes de terminar, busquei nas estantes da autora a obra que – para este escriba – representa a síntese



de seu trabalho intelectual, porque de maior representação para a história de Minas Gerais mais do que tricentenária. Escreveu Hebe o *'Pequeno Dicionário da Linguagem dos Sinos'*. Obra única. Relevante pelo seu sentido histórico; pelo conteúdo da expressão – da comunicação – da sociedade da Minas barroca católica com a sua comunidade. No seu discurso, o papel de Hebe foi o de tocar a todos os pulmões, a trombeta da história contada através dos sons dos sinos de nossas igrejas, a celebração, sua solenidade, seu lamento, mas, principalmente o seu recado e a sua mensagem. A obra de Hebe Rôla fez o papel de um 'muezim' oráculo que sobe ao alto dos minaretes para, cinco vezes ao dia, convidar os fiéis à reza e à oração.

Antes ainda do fim, foi Hebe Rôla que pesquisando acresceu relevante informação sobre o sentido da expressão que se usa em Mariana para identificar o comportamento do Marianense dos tempos das lavras e da mineração de aluvião. O 'gaveteiro' não é apenas aquele que esconde a sua comida nos gavetões de suas salas-cozinhas, mas também aquele que no trabalho de ourives abria à frente das fresas, uma 'gaveta de lavar' para recolher a limalha do ouro que saltava da fricção dos instrumentos. É cultura, e é nossa, só nossa. De Mariana e de Minas Gerais.

Caríssima homenageada, não se esqueça de nos convidar para os festejos da celebração de seu centenário. É o que lhe desejo. Quando disse, na abertura deste adminículo que pretendia promover uma 'delação premiada' confirmo agora: aqui está a delação. O prêmio é o de privar-me de sua amizade (prêmio já recebido) e, certamente, o de ser convidado para a celebração de seu centenário.



Dr. José Anchieta da Silva

/ J.S.Ferreira –

Membro da ACADEMIA MARIANENSE DE LETRAS, da
ALACIB-MARIANA, da AMULMIG e da ALDRAVA LETRAS E ARTES

Para Hebe Rôla

Hebe, voa:
aqui, ali, acolá!

Sobe na torre,
bate o sino:
tem! Tem! Tem!
Acorda, Francisco!
Acorda, Roque!
O sol está a pino,
vamos sair por aí...

- Hebe, desce daí!
- Já vou í...!

Hebe, voa
mais longe,
sobe até o Itacolomi.



- Hebe, venha cá!
Esta menina é fogo,
não pára!

Cadê a Hebe?
Sumiu!

- Não! A ela ali!
- Ali onde?

Nos braços do conde!
- Mi lorde!
Você por aqui?

J.S.Ferreira



/ Luciano Guimarães Pereira –

Membro da ACADEMIA MARIANENSE DE LETRAS.

Daquelas oportunidades de Ofir

Eu tive uma oportunidade preciosa. Daquelas nem sempre nos damos conta. Neste caso, dei sim: fui aluno da Professora Hebe Rola. O encontro aconteceu na Escola Estadual Dom Silvério. Ela era a nossa professora de Literatura.

D. Hebe nos levava ao enamoramento da palavra pelas histórias que a palavra conta. A história dos fatos que, por mais históricos, trazem sempre um tanto de versão. Ou pelas histórias de fatos sem fonte, versões que acabavam interferindo na História. E se a história pode ser mais bela, pela forma como se conta, ela nos estimulava a tocar a beleza da forma como as palavras se unem.

A palavra ensinada pela professora Hebe carregava sempre uma responsabilidade. Especialmente para nós que vivíamos na primeira cidade de Minas. Esta responsabilidade, ela ensinava, era fruto do que herdamos, a cultura construída pelos que nos antecederam e que deveríamos preservar para nós e para as gerações futuras.

Com esse pano de fundo, as aulas de literatura ultrapassavam a sala de aula e iam se espalhar nas feiras do livro da Casa de Cultura, nos abraços ao Ribeirão do Carmo, na reconstituição dos fatos que levaram à fundação da nossa escola, da vida do seu patrono Dom Silvério. Aliás, Dom Silvério, ela ensinou, foi um jovem pobre que para estudar ia à noite sentar-se à luz tardia dos postes antigos. “Luz do Poste” foi o nome de um jornal



que ela nos estimulou a criar. Como não dava tempo de organizar em sala, ela nos recebia em sua casa nos finais semana, propunha piqueniques urbanos ou silvestres para que nossa criatividade, tão incitada pelo seu ensinamento, não encontrasse restrição.

As letras assim ensinadas tinham cor, sabor, altura e muitos pesos. Lidar com as palavras era como voltar ao início da infância, era como brincar com massinha de modelar. Aquela letra ali era monótona, mas se perto desta outra, ficava agitada, até mesmo brava. Às vezes era bom deixar ela brava, às vezes modelávamos outras e tudo ficava sereno e solene. E se você gosta do bravio, tudo bem. Se você gosta do calmo, também. D. Hebe nos estimulava a ter nosso estilo, a ter presença e fazer dessa presença respeitada na justa medida da presença da palavra do outro. Para D. Hebe, literatura é mais bonita se ela é plural e inclusiva. A palavra feia é a palavra que segrega, que diminui a linguagem do outro.

Ao longo da vida, outros encontros vieram com a minha sempre mestra. Quando quis escrever um livro aos 14 anos, por exemplo, era ela que aos finais de semana ou à noite, me recebia em sua casa. Corrigia, sugeria e estimulava aquele irritado leitor e imberbe juntador de letras. Aquele livro não chegou a ser publicado, mas foi um patuá a abençoar sonhos disruptivos.

E este é o paradoxo da linguagem que sintetiza o ensinamento de D. Hebe: a palavra é também tradição, mas até nisso, ela inova. Ela transforma, mesmo quando preserva. É um movimento que nem sempre nos damos conta, mas sabemos que está lá. A cultura é vida. E a vida só existe na pulsação, no movimento. Ora vamos aqui, ora estamos lá. Centramos, descentramos, decentramos e seguimos na tarefa que só é perfeita quando ela não acaba.



/ *Dr. Luiz Tyller Pirola* –
Membro da ACADEMIA MARIANENSE DE LETRAS.

Prolegômeno

Fiz esta poesia em comemoração aos noventa anos da Professora Hebe, Presidente da Casa de Cultura-Academia Marianense de Letras. Hebe é professora Emérita da Universidade Federal de Ouro Preto, minha amiga e colega, tive o prazer e o privilégio de tê-la como Vice- Diretora, quando fui Diretor do ICHS, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Ouro Preto.

O Ribeirão a que me refiro, é o Ribeirão do Carmo que corta a cidade, outrora límpido, e hoje receptáculo de esgoto e de pobres faiscadores de ouro, que, ignotamente, poluem suas águas com mercúrio, bem ali, no centro da cidade, em meio ao esgoto. O Ribeirão do Carmo é formador do Rio Doce, o sagrado WUATU, para os KRENAK, que foram cruelmente separados de seus cultos aos ancestrais pela improbidade criminosa da mineração. Veja-se Ailton Krenak, em suas belíssimas palestras e seus escritos, disponíveis na rede.

Os animais de carga são uma marca indelével em Mariana. Eu mesmo, muitas vezes utilizei, para meu fogão a lenha e minha lareira, meia besta de lenha. Isto é, meio carregamento de lenha em uma mula, sim, lindas



mulinhas de carga, nunca sobrecarregadas. Além disso, quando aqui cheguei, no finalzinho de 1983, vi, muitas vezes, boiadas atravessando o centro da cidade. Meu Deus, que cena maravilhosa!!!!

Terra de Sonho, sim, pois, para mim, que sou paulista, e para todos os amigos com quem tenho contato e que por aqui vieram, a impressão primeira que tiveram, estando no Centro Histórico, e olhando ao redor, nas montanhas, é exatamente esta: Terra de Sonho.

E mãos limpas que abraçaram o Ribeirão do Carmo, simples! Hebe, lá, na década de 1980, reuniu, mas antes conscientizou, alunos da rede de ensino do município, e fez um enorme Abraço no Ribeirão do Carmo, para mostrar o enorme descaso do poder público com o que era o lindo Ribeirão que, um dia, foi testemunha, de um ideal de liberdade. Aqui, em Mariana, simplesmente, assistiu Cláudio Manoel da Costa, o grande poeta Arcadista, assassinado na Casa dos Contos, em Ouro Preto, na Inconfidência Mineira. Sim, “quem é bom, mandam matar”, já em lápide de ouro, imortalizou, Cecília Meireles.

Em seguida refiro-me aos belíssimos ipês que restaram, alguns amarelos e brancos bem perto de minha casa, que, ciosos de sua beleza, florescem apenas por poucos dias, e deixam na memória dos homens, belíssimos tapetes multicoloridos. E, claro, é escusado dizer da ganância e da usura que tudo arrasa em nome do lucro!

E por fim, a mudança, os ritos e costumes que mudam, pessoas, gentes diferentes na velha cidade que aos poucos também sente o peso dos anos, massacrada pelo descaso, envelhece, e alguém, não sente o passar dos anos, pois foi escalada pelos deuses para ser testemunha de tudo o que, bem ou mal, aconteceu.

Obrigado a todas e todos pela atenção!



Chuva em meio à densa bruma
Frio recolhendo os parques passantes
Do alto os campanários são mal divisados
Repentinamente um corisco fugazmente
Faz brilhar a silhueta dos altíssimos templos

Os casarões seculares parecem estremecer
As ruas tão batidas pelos humildes animais de carga,
Agora por pesadas cargas que nada lembram
As cargas de outrora

No Ribeirão, formador do sagrado WUATU
Pescava-se, era cristalino como esta Terra de Sonho
Mais tarde, um dia como este dia em que vivemos
Foi abraçado por mãos limpas como raios enviados
Por Hélio de seu Flamejante Carro de Fogo.

A cidade espalhou-se pelas colinas e morros
Tantas e quantas vezes os ipês floriram
Naturais tapetes multicoloridos que restaram
À avareza, à ganância e à miserável usura

Sim, o tempo impôs inexorável mudança.
Ritos novos, novos costumes na velha cidade
Nada, nada me causa estranheza
A cidade, ela mesma, envelheceu
Eu, não, não envelheci, sou apenas testemunha
De tudo que, mal ou bem, aconteceu.

Tyller, Mariana, Em 02/02/2021



/ *Rafael Arcanjo Santos* –

Membro da ACADEMIA MARIANENSE DE LETRAS.
Professor de História e Geografia.
Aposentado. 73 anos. Bibliotecário da AML.

Hebe Rôla, guardiã da cultura marianense

Feliz aniversário! Que nesta sua data natalícia, a luz brilhe intensamente em sua vida, pois você é orgulho e alegria muito grandes para a comunidade marianense. Você comemora mais um ano de profícua existência, noventa anos de muitas bênçãos de Deus!

Parabéns, professora Hebe, pela vida especial que você carrega em seu coração, na alegria de promover a construção de projetos que elevam a dignidade humana. Hebe direciona seu carisma não para a autopromoção, mas para uma produção intelectual e cultural que contagia a todas as pessoas que estão envolvidas no brilho de sua sabedoria, compartilhando sem restrições seus profundos conhecimentos.

Tantas pessoas já passaram pela sua vida, ao longo desses 90 anos. Eu sou um desses privilegiados, pois desfruto de seu convívio desde a infância, tendo a Jovem Hebe como minha socorrista, nas muitas vezes em que caí nas escadas de minha casa na Rua Direita. Lembra? Continuei minha trajetória na sua vida, quando se tornou minha professora de Português, no extinto Colégio Dom Frei Manoel da Cruz. Você, grande educadora, sempre fez seus alunos se sentirem especiais e pessoas capazes de alcançarem seus sonhos. As lições que aprendi com sua sapiência estarão sempre comigo no meu coração e na minha mente.



Há pessoas que marcam a nossa vida, que com suas orientações e ponderações despertam algo especial em nós, que abrem nossos olhos de modo irreversível e transformam a nossa maneira de ver o mundo.

Tornei-me um membro da Diretoria da Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes desde o início de sua presença na presidência desse sodalício cultural. Sinto-me orgulhoso por contar sempre com sua confiança. Sua amizade é muito especial para mim. Cada segredo confessado, cada abraço apertado e cada conselho trocado toram essenciais, para a construção de nosso relacionamento fraternal.

Algumas pessoas marcam a nossa vida, deixam mensagens que nunca se apagam das nossas mentes, que se tornam aprendizados que carregamos para sempre. E nem sempre é por meio de palavras que aprendemos. Ética, generosidade, amizade e sensatez são virtudes que se veem nas ações que a norteiam e que ficam de exemplo e inspiração.

Parabéns, Hebe! Você foi e será sempre uma das pessoas mais marcantes de minha formação educacional. Sua presença em minha vida é referência para repensar o valor da arte sublime da literatura e da música, incentivando-me sempre no meu ofício de músico. Por isso, e por muito mais, eu a admiro profundamente e nutro uma grande estima pela sua grandiosa pessoa.

Obrigado por sua dedicação, paciência e carinho para com todas as pessoas que a procuram para obter informações e conselhos. Os meus aplausos pela sua incansável dedicação ao seu trabalho, que, com tanto entusiasmo e verdade, dá exemplo de como a lida diária deve ser proficientemente exercida.

Sempre olhei você com grande admiração e verdadeiro apreço. Seus profundos conhecimentos, ao



longo desses anos, foram uma bênção que me preenchiam e me enriqueciam de forma abundante. Não há um dia em que não aprenda algo novo, uma nova história, um exemplo diferente. Que prazer, desfrutar de sua sabedoria!

Acima de tudo, por trás dessa função que você desempenha exemplarmente à frente da Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras Ciências e Artes está um ser humano admirável, sempre disposto a apoiar e orientar seguramente. Palavras de gratidão serão sempre escassas, para quem dá tempo de si em benefícios de outrem sem solicitar contrapartida. Pessoa assim acessível e atenciosa é raridade no mundo atual.

Todas as homenagens que eu possa fazer a você serão sempre poucas. Apesar da idade, noventa anos, seus dias são ocupados com preocupações e ações em prol das instituições às quais você é vinculada, apesar da pandemia de coronavírus que assola a nação brasileira.

Nesse momento raro na vida humana, em meio a uma devastadora pandemia, quero expressar o meu profundo reconhecimento e agradecimento a você, professora e confeitira Hebe Rôla, que durante toda sua vida aprendeu a ensinar. E que todas as luzes divinas a incentivem a continuar preparando as mentes para o futuro, ensinando seus discípulos, de todas as idades, a descobrirem horizontes nos caminhos da vida!

E que alvoradas, sóis a pino e crepúsculos, no dia 23 de junho de 2021, sob as graças de Deus, recaiam sobre sua vida! Você é especial aos olhos de Deus e aos olhos de todos os que tiveram o prazer de cruzar o seu caminho.

Parabéns, muitas felicidades! E que Deus lhe conceda muita saúde, muita paz e muitas alegrias! Deus derrame sobre você, Hebe Rôla, muitas bênçãos e muitas graças ao seu nobre coração!



Acróstico de *Rafael A. Santos*

(Para HEBE MARIA RÔLA SANTOS)

Hoje desfrutas de louros da safra de tua vida,
Efígie de um poder que emana de teu coração,
Benemerência que a poucos Deus privilegia,
Emérita educadora, esparge cultura e alegria.

Mulher talentosa, inteligente, de refinado saber.
A estrela que brilha dentro te suaviza e aclama
Rico sentimento que alimenta e enobrece a alma
Importante instrumento que vivifica o nosso ser,
Anseio natural que converte o sonho em certeza.

Realçando as virtudes de tua suave candura,
Ostenta no rosto a leveza de teu sorriso angelical,
Laureado de flores perfumosas, pleno de ternura.
A caminhada nonagenária inspira uma suave canção.

Sempre inspirada, mesmo nos percalços da dura lida,
A trajetória vivida é árdua, mas de pura emoção,
Natural percurso de quem labuta fervorosamente;
Tenacidade que exige perspicácia permanente
Os méritos e virtudes são e serão somente teus,
Sobretudo o amor, que brota do coração de Deus.



/ *Samylla Mól* –

Membro da ACADEMIA MARIANENSE DE LETRAS.

HEBES

No Olimpo
Hebe era a juventude
Com seu frescor e energia

Filha de Zeus e Hera
Ela servia aos deuses
Bela, musa
Inspiração

Será isso dom de Hebes?

Em Mariana
nossa Hebe serve à cultura
Culta, mestra
Doação



Hebe sabe do choro dos rios
Da linguagem dos sinos
Da fome das mentes
Das gentes

Hebe é por aí
Tal como chuva de flor

Nas escolas, nas ruas,
Na faculdade, nas praças
Ela é presença poética, alegria, amor

Hebe faz 90 semeando versos
Regando imaginários
E contando causos,
entre sorrisos largos.

Samylla Mól





Membros da ALACIB /
ACADEMIA DE LETRAS, ARTES E
CIÊNCIAS BRASIL - MARIANA

Adalgimar Gomes
Giseli Barros
Goretti de Freitas
Israel Quirino
Magna Campos



/ *Adalgimar Gomes* -

Membro da ALACIB / ACADEMIA DE LETRAS, ARTES
E CIÊNCIAS BRASIL - MARIANA Cadeira nº 13,
Patrono: Antônio Frederico de Castro Alves. / Servidor Público.

Dona Hebe

Quem é a senhora que sabe do dobrar do sino
Quem aprimora todas as formas de ensino?
Diga-me, ó bruma, que o infinito apercebe!
E o sol, que apruma, assegura: É Dona Hebe!

Quem é a professora que conhece os adros
E a força libertadora dos ritmos dos congados?
Diga-me, ó Ribeirão, que o Carmo recebe!
E o clarão da lua responde: É Dona Hebe!

Quem tem na voz a cultura de Mariana
E a candura que nessa terra irmana?
Diga-me, ó Primaz, que o destino concebe!
E o Itacolomi, contumaz, diz: É Dona Hebe!

Quem escreve essas palavras de liberdade
Quem serve a educação, com amor e arte?
Diga-me, ó Praça da Sé, que o céu é célebre!
E os anjos, graça e fé, celebram: É Dona Hebe!

Adalgimar Gomes



/ *Giseli Ferreira Barros* -

ALACIB / ACADEMIA DE LETRAS, ARTES E CIÊNCIAS BRASIL -
MARIANA. Membro Efetivo da SBPA - Sociedade Brasileira dos
Poetas Aldravianistas. Vice-presidente da ABRAAI -
Mestra em Literatura Brasileira pela UFMG

Mariana, 23 de junho de 2021.

Giseli Ferreira Barros

Querida Hebe:

Nestes últimos dias, fiquei pensando na melhor forma de agradecer à mestra por cada ensinamento oferecido tão generosamente. Não consegui, por fim, escolher outra forma que não fosse através de uma missiva, texto que considero muito afetivo. Entendo a carta como uma espécie de abraço. Acho que ela afaga a nossa alma e nos remete a lembranças as quais temos o desejo de eternizá-las.

Não cresci na primaz de Minas, mas, desde que aqui cheguei, ouço referências à professora Hebe Rôla, nas escolas e em todos os meios acadêmicos de Mariana. É a senhora elegante e de andar calmo, que contempla a sua cidade natal com olhar carinhoso e, ao mesmo tempo, muito atento aos problemas do município. É a professora incansável e solícita. Recordo da primeira vez que tive a ideia de realizar um projeto educativo sobre a cultura marianense. Diante de rascunhos soltos e de ideias que precisavam se entrelaçar, deram-me a sugestão de pro-



curar a professora ilustre. Peguei o número de telefone e liguei sem jeito. A voz tranquila do outro lado da linha me respondeu atenciosa e breve. Estava marcada, assim, a entrevista na escola. Entre os pequenos estudantes, acomodei-me para a aula. Desde então, são mais de vinte anos aprendendo com a mestra querida.

Entre os recortes da memória, há momentos os quais guardo vivos com muita admiração. Talvez, querida professora, sem que tenha percebido de forma explícita, ao compartilhar sua sabedoria com os alunos e alunas, a senhora lega a mim um pouco do que é realmente uma sala de aula. Em tempos em que o conhecimento, a cultura e a arte parecem tão irrelevantes diante de olhos embotados para o mundo, a sua lucidez e assertividade sobre as coisas renovam as minhas energias para seguir essa jornada. Por isso, eu só tenho a agradecer-lhe. Nenhum curso de Magistério ou de nível superior, as licenciaturas, preparam efetivamente futuros docentes para a realidade escolar. Desse modo, é natural que o andar de cada um de nós comece aos tropeços, mesmo que estejamos ávidos por aprender e também por ensinar, e talvez seja este o ponto primordial: é preciso reconhecer um mestre.

Acredito no encantamento como um dos elementos mais genuínos presentes na ação docente. E essa característica faz parte da sua essência, professora. Recordo do dia em que demos início às atividades da ABRAAI, em 2018. Antes mesmo de os futuros acadêmicos entenderem a grandiosidade do projeto, toda a turma aguardava ansiosa a chegada da professora Hebe Rôla. “Ela vem mesmo?” Entra calmamente, graciosa, sorrindo a cada um, acenando. Canta baixinho, enquanto olhos atentos procuram desvendar essa senhora que se faz tão presente e cria, no mesmo instante, uma atmosfera mágica



em torno de si. Uma aluna me olha no desejo de confidenciar algo. Faço sinal para que aguarde, mas ela insiste e diz baixinho, encenando um abraço: “Ela é tão moderninha!” Não consegui guardar o segredo. Esperei o momento oportuno daquela aula genial e contei à mestra. Sem demora, a aluna recebeu o carinho de volta. Que linda pode ser a vida em uma sala de aula! Eu não tenho a menor dúvida de que esses aprendizes lhe são gratos por cada encontro. Encontro de gerações. Acho gracioso quando a senhora diz: “São meus amigos.” Fico pensando que o mundo pode ser muito mais simples e melhor com pessoas de coração aberto, com gestos assim de acolhimento. Quanta sabedoria!

Outra recordação que me chega, neste momento da escrita, é de quando presenciei pela primeira vez a encenação da procissão das almas. Não sabia da representação, pois fazia pouco tempo da minha chegada à cidade. Eu havia tomado de empréstimo de um estudante de História um exemplar do livro das lendas marianenses. Quando ouvi o som da matraca e a cantoria fúnebre, olhei imediatamente para trás. Fiquei estática. Um ano depois, resolvi filmar a representação da Procissão do Miserere. Levei a fita para mostrar aos alunos. Depois, a oportunidade de acompanhar a narração impecável da professora, oferecida aos alunos, desta vez, no jardim do ICHS. E daí em diante, nunca mais deixei de acompanhar, ano a ano, a representação folclórica pelas ruas centenárias.

Que encanto, Hebe! Essas ruas de pé-de-moleque não nos ofereceriam tanta cultura sem o seu trabalho diário. A mulher inteligente e de fibra que preside a Academia Marianense de Letras, a mestra-amiga de crianças e adolescentes, poetisa, escritora, folclorista, estudiosa da cultura dos sinos, a maior leitora de Alphonsus de Guimaraens, a melhor declamação de *A catedral*.



Desconfio de que os encontros nunca acontecem por acaso, e por isso sinto-me honrada por você ter aceitado o primeiro convite que a fiz, ainda na década de 1990, para a aula que eu vislumbrava bem tímida, porque dava os meus primeiros passos. Muito obrigada pelos ensinamentos, minha mestra e amiga.

Receba, querida Hebe, esse meu abraço.
Com gratidão,

Giseli Ferreira Barros.

Membro Efetivo da ALACIB-MARIANA. Membro Efetivo da SBPA - Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas. Vice-presidente da ABRAAI - Mestra em Literatura Brasileira pela UFMG



/ *Maria Goretti de Freitas* -
Membro Efetivo da ALACIB-MARIANA-MG.

Presença Marcante

Maria Goretti de Freitas

É tarde! Estou aqui a revirar um baú de palavras em busca algumas que estejam à altura de uma pessoa tão nobre! Quem conhece Hebe Maria Rôla sabe. Parece fácil falar sobre ela, mas realmente não é. É difícil porque vêm tantas ideias borbulhando ao mesmo tempo e surge, imediatamente, a necessidade de fazer uma seleção para que elas não fiquem repetitivas.

Trata-se de uma pessoa muito especial! A ela, eu daria todas as flores do mundo. Para ela, eu declamaria aquele que considero o meu melhor poema.

Dona Hebe! Por tanto conhecê-la, meu desejo é simplesmente dizer: Hebe é “show”. Mas não! Não pode ser assim. A sua trajetória pessoal e profissional exige um grau de sofisticação muito maior e também, muito respeito. Nem sei se terei palavras adequadas e suficientes para expressar sua grandiosidade.

Conheci dona Hebe no ano de 2009 e, de lá para cá, tenho o prazer e a honra de ter sua preciosa amizade. Ela é assim: desde o primeiro encontro traz um sorriso, uma delicadeza... A partir daí, comecei a perceber que, por onde ela passa, fica um rastro de luz, um fascínio e um traço de elegância, tudo isso, deixados na delicadeza de suas palavras, de seus gestos e de seus passos.



Ela é pura poesia! Sua voz é bailarina amorosa e seu corpo, fala. Ela chega, observa, analisa e mostra a que veio de forma sábia, para que o público letrado e não letrado possa ter entendimento satisfatório. Os seus ouvintes sempre desejam a continuidade de seus discursos por serem agradáveis aos ouvidos e terem a sua marca: uma pitada de humor leve, irresistível e encantador que, sem sombra de dúvidas, agrada às pessoas de todas as idades. Basta ver como ela vive cercada de crianças e adolescentes. É como se tivesse uma força magnética para atrair todos para junto de si. Parece que suas palavras têm pequenos orifícios e, por eles, saem toda sorte de ternura e gentilezas.

Ela é como milhares de outras mulheres que já passaram por inúmeros obstáculos, grandes desafios, mas é daquelas que não se esmorecem e estão sempre acreditando em dias melhores.

Sempre vestida de sol e de céu azul, mostra a sua visão particular de mundo e, através de seus atos e palavras, nunca despreza as vozes e as narrativas de quem quer que seja.

Foi professora na Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, onde exerceu várias funções: professora de Língua Portuguesa, Literatura Infantojuvenil, Língua Francesa, entre outras, além de desenvolver vários Projetos de Extensão na Universidade. A professora e escritora Hebe Maria Rôla é, também, grande contadora de histórias e pesquisadora do folclore, especialmente sobre personagens, cantigas, linguagem dos sinos de Mariana e Ouro Preto, histórias, parlendas e causos da Região dos Inconfidentes.

Pertence a várias academias brasileiras e estrangeiras, a sua participação no fantástico mundo das aldravias, desde o início, foi e sempre será brilhante e



bela, como o soar dos sinos.

som
cristalino
repica
sino
conta
história

Em sua trajetória bela e necessária, eis um fragmento de seu poema *Cenário e cenas* que tem muito a ver com seu jeito de ser:

“Cria Fala
Recria Vibra
Inventa Lamenta
Reage e
Documenta a história do povo
Que constrói as Gerais”.

Ela é digna de todas as homenagens! Nove décadas especiais, sempre mantendo a chama da esperança acesa, com sua presença marcante, mostrando que a vida é bela, independente da situação.

Hebe Maria Rôla é a mulher que traz alegria, esperança, alcança os corações, conhece e interpreta as dimensões humanas. Parabéns! Parabéns!



Goretti de Freitas - Membro Efetivo da ALACIB-MARIANA,
da SBPA - Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas. Coordenadora
Geral da ABRAAI -IPATINGA.

/ *Israel Quirino* -

Membro Efetivo da ALACIB-MARIANA - MG.

A PROFESSORA

(Para HEBE MARIA RÔLA SANTOS)

Israel Quirino

A montanha, ao dilúculo, desperta
Da luz se envolve em manta hialina.
Manhã de verso que aos olhos oferta
Tenros passos de predestinada sina.
E um bem-te-sino se anuncia à Febe
Menina-luz a que se evoca: Hebe!

Se em hierarquia se ajustam os astros,
Um rei de luz a lhe marcar os rastros,
Meio do dia a subscreve a Palas
Qual verbos se alinham por letras a giz
Em verdes quadros de muitas salas:
Hebe que ensina a ser eterno aprendiz!

E se ao entardecer se dirige o sol da vida
Ao ocaso não se verte a olhos postos.
Na cabeça mente sã, pela neve colorida,
Aplana, para outros, caminhos inóspitos.
Perdura a razão em sua rica inquietude
Atenta em Hebe, a permanente juventude!

Israel Quirino – Mestre, professor universitário
e membro efetivo da ALACIB-MARIANA.



/ *Magna Campos* -
Membro Efetivo da ALACIB-MARIANA - MG.

Hebe Rôla e a Lista de Presença

Magna Campos

Dia de aula. Início de um curso. Finalmente, a universidade!

Um início meio atordoado para quem “catou” a primeira semana de aula, tentando fazer o tempo de estudo conciliar com o tempo de trabalho em uma pequena mercearia de bairro.

De repente, pouco depois das 9h da manhã, entra em sala uma mulher, já senhora na vida, de vestido ramado, chapéu furadinho, um batom chamativo que lhe enfeitava graciosamente a boca e avisa:

- Vamos continuar o assunto da aula passada (que eu não havia assistido, tampouco tomado as anotações de alguém, haja vista que estava literalmente começando o curso naquele momento) e vamos relacionar o texto desta aula com o que diz Othon M. Garcia, no texto de leitura prévia que solicitei a vocês.

Neste momento, o xerox com uma coluna de um jornal local chega às minhas mãos, repassado pela professora, e eis que aquela mulher inicia uma análise tão rica e tão minuciosa daquele texto, salpicada com um bom humor tão gratuito, que senti um misto de aflição, por não ter a prévia lida, com uma sensação de conforto em sala, que não sabia ao certo definir.

Após aquele primeiro encontro em sala, outras manhãs de terças e quintas se preencheram daquela pre-



sença cativante, num turbilhão de saberes tão vastos e tão *sui generis*, capaz de, incomparavelmente, mesclar cultura clássica com cultura popular, com tanta propriedade, desnovelando sentidos, que mexia com a gente por inteiro.

Aquela professora, a quem o tempo parecia trair, dada a rapidez com que passava em suas aulas, não ensinava apenas conteúdos, ensinava a pensar, a questionar as complexidades e as obviedades que sempre olhá-vamos e nunca víamos. Havia sempre uma provocação escondida na próxima fala ou anotação, com letras naturalmente bordadas, no quadro de giz. Ah, que inveja daquela grafia que, por si só, já era um curso de estética e estilo à parte, ainda que o curso fosse de Letras e não de Belas Artes.

Mas, por mais que a aula corresse agradavelmente, um drama sempre se impunha. A tal lista de presença que circulava pela turma e nunca mais que chegava no canto em que me sentava, já que eu era uma das últimas a chegar na turma – no entremeio do trabalho na mercearia – perdendo, assim, a chance dos melhores lugares da sala.

Daí, em um dia de total “falta de unicemente”, para usar um bordão da personagem mineira Concessa, eu cismo de colocar meu nome e, logo abaixo, o de um autor literário na lista de presença: eu e Machado de Assis assistimos à aula dela naquele março...

Claro que os colegas que assinaram depois riram da ousadia (ou direis: asneira), mas como a gente não aprende da primeira vez que faz algo errado, nas três ou quatro aulas seguintes, eu segui trazendo alguns ilustres autores para a aula, assinando o nome deles na lista e causando um frenesi nos colegas de sala que recebiam a lista.



Essa “gracinha”, durou até o dia em que a professora pegou as listas para somar as presenças no controle oficial da universidade e, então, percebeu que havia um aluno a mais nas aulas... e analisando rapidamente os nomes da lista, é claro, descobriu que alguns defuntos-autores estavam frequentando suas aulas, sem estarem matriculados...

Também não precisou fazer esforço para reconhecer que o nome dos autores seguia a mesma tinta de caneta, grafia e estilo do nome da aluna acima deles.

E assim, fui descoberta! Literalmente.

Essa peripécia foi como andar com uma melancia na cabeça, em meio à turma... pois eu me tornei, rapidamente, a aluna que adulterava e satirizava a lista de presença! Pouco tempo depois, todos daquela turma e das turmas do mesmo turno sabiam meu nome e sobrenome, pois bastava uma oportunidade e a professora contava a história das assinaturas e se ria da ousadia, junto aos demais que a ouviam.

Mas, talvez pela “influência mística” dos autores que usei, talvez pelas tramas do destino, talvez por afinidade gratuita, talvez pela coragem ou talvez porque não tive recurso a não ser me dedicar imensamente mais à disciplina que ela lecionava... fato é que isso tudo me aproximou de forma surpreendente daquela professora, a quem eu, em poucos meses, já admirava pela desenvoltura didática e intelectual com que exercia sua profissão.

Se eu me envergonho desta brincadeira, sim, claro! Se eu me arrependo, isso não, pois não sei por qual razão, mas esse fato nos conectou, e, a partir daí, pude acessar também a pesquisadora da cultura popular, a escritora, a apoiadora incondicional dos professores da Educação Básica, a mulher que sabia ler os sinos das igrejas de Mariana, a figura que preenchia os espaços



culturais da cidade com suas falas, entrevistas e vivacidade. Ter a experiência de ouvi-la contar histórias reais ou fictícias, era transcender a realidade factual e temporal para o tempo-espaço de suas narrativas, sempre muito envolventes e inigualáveis.

E passei, então, a me matricular em todas as suas disciplinas ofertadas, período após período do curso, e sempre a ouvia contar às turmas, de forma cômica, aquele acontecimento subversivo das assinaturas na lista de presença...

Mas houve um tempo, ainda durante a minha graduação, que a febre amarela andava tão alastrada no país, que uma grande campanha de vacinação foi lançada. Todos nos vacinamos, livres da influência das *fake news* e da campanha antivacina, hoje tão contagiosas. Entretanto, ninguém sonharia que, justamente Dona Hebe, como a chamávamos, era alérgica ao componente feito a partir de embriões de galinhas, usados como suporte para o imunizante. Mas, infelizmente, era. E uma reação anafilática a abraçou por inteira, tentando silenciá-la.

Lembro-me que foram meses em recuperação, nos quais ela teve que se licenciar da UFOP. Foram meses em que os corredores não tocavam seus sinos simbólicos festivos pela sua chegada animada às aulas. Foram meses em que seus chapéus e vestidos interessantes não coloriam as escadas do velho prédio herdado do seminário. Foram meses sem nos divertir com a visão daquela senhora, muito singular, andando na ponta dos pés, para que seus sapatos não gritassem estrondosamente ao contato com o velho assoalho de madeira, da parte histórica do prédio. Foram meses em que as notícias desencontradas nos faziam temer não ter tido a oportunidade de devolver-lhe a generosidade costumeira com que nos acolhia em suas disciplinas. Mas um dia veio, com ventos menos ator-



mentadores, e, aos poucos, ela foi retornando as atividades profissionais, e aprendi a admirá-la também pela sua força como mulher.

Engraçado escrever sobre isso, justamente enquanto anseio, um pouco aflita, pela chegada de vacinas contra a Covid por estas bandas, especialmente para as pessoas com maior suscetibilidade para o agravamento da infecção viral. Aflita com uma doença que tem silenciado milhares de vidas, muitas das quais, jamais tiveram voz em sua existência e agora foram sepultados em dados estatísticos, cada dia mais assoladores e cada dia mais insignificantes para as pessoas de poder. A naturalização do horror somada ao brado dos insanos.

Uma coisa eu sei: que essa experiência ímpar, de ter sido aluna de Dona Hebe, de conviver e interagir com seu fazer didático, em todas as disciplinas e nos minicursos feitos, de vivenciar sua perspicácia de sair da mesmice e de nos provocar o tempo todo, trouxeram-me profissionalmente às salas de aula e à escritura literária. Mais que o conteúdo, foi o currículo não formal apreendido pela observação e admiração diante da clareza, da entrega, da didática e do bom humor com que essa professora atemporal dava aula, tudo isso me guia com acerto até hoje.

Fora que tive a oportunidade abençoada de poder trabalhar ao seu lado, por uma temporada de aprendizado riquíssimo, durante minha docência no departamento, no qual ela era efetiva na universidade. Eu aprendiz, ela generosa mestra.

Por tudo isso, há em mim um contentamento e orgulho de escrever sobre ela, ainda que reconheça que essas palavras aqui que não comportam a admiração e agradecimentos que lhe tenho, mas que, ao menos, respingam por todos os lados muito do que ela me ensinou:



que a simplicidade pisa na ponta dos pés porque sabe não apenas de si, mas dos outros ao lado; que compartilhar saberes é criar terra arada para outras sementes; que a cultura, vestida de chitão ou de seda, merece respeito e estudo; que a linguagem é a substância até do toque dos sinos, quando dirá de nós; que narrar o mundo fala mais à alma que a factualidade das informações. Que ter feito a vida valer a pena é chegar aos 90 anos recheada de experiências, de saberes e de memórias, todos ainda em curso, alguns morando nela, outros tantos impressos como DNA em todos nós que ela transformou.

Magna Campos é professora universitária, mestre em Letras, Escritora e Membro Efetivo da ALACIB-Mariana-MG



HOMENAGEM DA UFOP
Universidade Federal de Ouro Preto

Dra. Celia Maria Fernandes Nunes –
Representando o Instituto de Ciências
Humanas e Sociais -ICHS/UFOP.

*Dra. Cláudia Aparecida Marlière de
Lima* - Reitora da UFOP.

Dr. J. B. Donadon-Leal - Diretor do
ICSA/UFOP e Ex-diretor do ICHS.
Professor Emérito da UFOP. Vice-
presidente da Academia Marianense de
Letras e da ALACIB-MARIANA.

Dr. José Luiz Foureaux de Souza Júnior
– Doutor e Pós-Doutor em Literatura.
Professor aposentado da UFOP. Membro
efetivo da ALACIB-MARIANA.



/ *Dra. Celia Maria Fernandes Nunes* –
ICHS/UFOP

Mariana, 3 de março de 2021

Querida D. Hebe,

Espero que a senhora esteja bem!!

Há dias vinha pensando no que escrever para compor o livro de comemoração de seu aniversário. A cada vez que sentava, confesso que meu coração pulava apertadinho. E do nada chegou o dia...

Que dia lindo! Um dia que meu coração encheu de esperança e de gratidão como a tanto não acontecia! Confesso que chorei de emoção! Fiquei saltitante, quando vi a postagem de seu depoimento, após a senhora receber a dose de vacina contra a Covid 19. ‘Ninguém é feliz sozinho, então eu não sou feliz enquanto o último Mariense, o último brasileiro não vacinar!’. Chorei de alegria por ter chegado a vez da senhora ser imunizada e pela sua fala acolhedora e coletiva!! Afinal, essa é você, D. Hebe!!

Veio à minha mente um “filme” de lembranças por tudo o que já vivenciamos juntas. Desde a acolhida à minha chegada à cidade de Mariana, nosso ENCONTRO no ICHS e tudo mais. Sabe, D. Hebe, eu nem tenho como contar aqui tudo o que aprendi, aprendo e ainda aprenderei com a senhora, e o que já experienciamos desde 1992.

Em Mariana, a sua presença e atuação na comunidade, sempre tão importantes e ativas, foram fundamentais à minha acolhida na Cidade. Afinal, falar que é amiga de D. Hebe nos abre portas e nos dá um orgulho danado! Por seu intermédio fui aos poucos conhe-



cendo a riqueza histórica, social e cultural da nossa Primaz! A partir daí não teve jeito!! Meu amor por Mariana foi crescendo e se consolidando, e hoje sempre me emociono ao ouvir

“Entre os coros das litânias.
Que vêm do céu, na asa do luar,
Vivo de mortas alegrias,
Sempre a sonhar, sempre a sonhar!”

E a sua presença e atuação no ICHS? Não temos como registrar em uma breve carta a importância da senhora, para a consolidação e crescimento de nosso querido Instituto! Que professora espetacular!!! Que referência para todos nós!! Muito trabalho desenvolvido até hoje! Sempre de forma tão proativa, que nunca foi encerrado, mesmo depois de sua aposentadoria.

Sabe, D. Hebe, não sei nem como falar, quando lembro do seu apoio e aposta em mim, desde a minha chegada ao ICHS. Afinal, foi empatia entre duas professoras desde o primeiro contato. Desenvolvemos, ao longo dos anos, inúmeras atividades em parceria! Quanto aprendido!!! Projetos desenvolvidos em conjunto como SIMAVE, PROBASSE, UFOP com a ESCOLA, Alfabetização Solidária e tantos outros!!! Hoje ficam nas lembranças os aprendizados, as conquistas e também muita risada gostosa.

Um episódio que dia desses me veio à lembrança foi da época que trabalhávamos aplicando as provas do SIMAVE nas escolas da nossa região e cidades vizinhas. Uma trabalhadora danada!! Que correria ao longo da semana, inclusive, no sábado e domingo! Até um dia, quando já íamos terminar o trabalho, todo mundo já muito cansado, mas a senhora nos anunciou: “_ Pessoal, hoje, que é o encerramento do nosso trabalho, teremos um almoço de confraternização que está sendo feito pela mãe de Maria



Alice!” Foi uma alegria geral!! A primeira vez que comi angu com suã!!! Que delícia! Sempre tão zelosa com todos.

Uma outra lembrança bem divertida foi do dia que fomos paradas na feira, na Paraíba, enquanto caminhávamos para a Secretaria de Educação do município, para iniciar nosso trabalho. Ao parar numa barraca, a senhora perguntou qual era o preço da banana. A feirante, tão gentil, ficou encantada com a visita ilustre, e ao perceber o sotaque diferente, não hesitou a perguntar: “A senhora fala diferente, por acaso é daquela novela A Usurpadora?” Gentilmente, respondeu dizendo que não era da novela, mas sim de Minas Gerais. Despedimos da feirante e continuamos nossa caminhada, dando boas gargalhadas.

Escrevendo essa carta para a senhora, muitos outros episódios me vêm à mente, e fico rindo sozinha. Daí pensei que o melhor jeito de eles serem lembrados seria durante um encontro nosso com cafezinho e broa. Bora marcar?

Nesse momento tão desafiador que vivemos, penso na energia e vitalidade da senhora e me vem à mente mais um trecho de esperança do hino da Cidade que aprendi a amar:

“Agora bem sinto, no peito, áureos brilhos;

De novo me voltam as perlas de Ofir...

Aos doces afagos da voz dos meus filhos,

Mais belas que outrora, eu irei ressurgir!”

D. Hebe, expresso, aqui, muito emocionada, minha Gratidão por Tudo e por Tanto...

Com carinho e admiração da amiga, aluna e “filha”, *Celinha*. ///

//// (**Celia Maria Fernandes Nunes**, nascida no Rio de Janeiro e Cidadã Marianense./Professora Titular do ICHS/ UFOP).



/ *Cláudia Aparecida Marlière de Lima* -
Reitora da UFOP

Hebe Rola Santos, Professora Emérita da UFOP

Cláudia Aparecida Marlière de Lima

Agradeço o convite para escrever sobre a Professora Hebe Rola, embora, difícil falar de uma personalidade como Dona Hebe, assim carinhosamente chamada por todos. Desta forma, deixo aqui um pequeno relato, que não tem a intenção de esgotar a história desta grande mulher, mãe, professora, coordenadora de projetos extensionistas, poetisa, contadora de história e primeira mulher a presidir a cinquentenária Academia Marianense de Letras.

É com muito respeito e admiração que registro o orgulho para a UFOP de ter Dona Hebe como professora do seu quadro. Hoje professora emérita da nossa instituição, o título, já esclarece o que ela representa para a comunidade interna e externa de Mariana e região. Defensora da cultura e da educação, sempre foi uma guardiã implacável na defesa do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), e logicamente da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).



Hebe Rola Santos completa 90 anos de vida e 75 anos de dedicação à educação e a cultura. Sua trajetória demonstra a vocação nata pela pelo ato de ensinar e pela justiça social. Ainda adolescente, seu desejo era de ser

advogada, para defender todos que necessitassem de justiça. Para a nossa sorte, em seguida, percebeu que a educação também liberta as pessoas, pois poderiam defender por si próprias. Formou-se na Escola Normal, onde se tornou professora, trabalhando ao longo da sua carreira profissional nas escolas básicas do município de Mariana, desde os 15 anos de idade. Professora Hebe teve uma formação sólida, em um ambiente de conhecimento humanitário e comprometido com as pessoas, criando, assim, o seu caminho na compreensão do seu pensamento pedagógico na Escola Normal para Meninas (fundada em 1902), administrada pelas irmãs vicentinas francesas.

Hebe Rola sempre esteve à frente de movimentos em defesa de Mariana, de Minas Gerais e de seu patrimônio material e imaterial; e em fevereiro de 2006, num sarau de poesia aldravista no auditório do ICHS, publicado no site do Jornal Aldrava Cultural, declamou em defesa do Ribeirão do Carmo, com uma consciência ecológica invejável:

*Garimpo limpo
Mistura nas águas o ideal de criança
Garimpo limpo. Mercúrio? Nem pensar!!!
A liga se faz com a seiva do tomateiro. (...)
E o Ribeirão do Carmo perene peralta
Brinca de esconde-brilho
Canta em voz alta em leito diáfano:
Garimpo limpo!!!*

Ingressou na Universidade Federal de Ouro Preto por ocasião da criação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, em Mariana, onde atuou até a aposentadoria. Deixo aqui depoimento do Professor Jaime Sardi, numa conversa com a Dona Hebe, na cerimônia dos 25 anos da UFOP. Relata o professor:



“Por ocasião dos 25 anos da Universidade, 1994, estava eu e a professora Hebe Rola sobre o palco do Teatro Municipal, ou Casa de Ópera de Ouro Preto, enquanto membros do Conselho Universitário, para as comemorações de praxe”. Cochichei no ouvido da professora Hebe Rola: E nas comemorações de 50 anos, onde será que estaremos? Eu já terei partido, disse ela. “A professora Hebe, hoje emérita, continua vivíssima circulando pelas ruas de Mariana, em 2021”.

Em outro momento de celebração, na UFOP, aniversário de 40 anos do ICBS, não por acaso, Dona Hebe estava presente, e ao seu lado a Ex-diretora Solange Oliveira, outros Ex-diretores e ex-diretoras, como também professores aposentados e da ativa, alunos e ex-alunos, técnicos administrativos em educação aposentados e da ativa e convidados da comunidade marianense. O auditório estava cheio e pairava no ar um sentimento de alegria e emoção.

Depois da solenidade, quando eu já saía do auditório em direção ao espaço de confraternização, Dona Hebe, depois dos cumprimentos formais, me puxou pelo braço, e no meu ouvido cochichou, agradecendo-me por dar tanta atenção ao ICBS. No primeiro momento assustei com a credulidade e firmeza com que falava, respondi agradecida e que tinha o ICBS em alta conta, ficando lisonjeada com o comentário.

Esta é Dona Hebe, uma pessoa ativa, presente, alegre, justa e amiga!!! A UFOP se orgulha de ter a honra de tê-la como docente que muito colaborou para o crescimento desta Instituição de ensino superior. Tem pessoas que nos são tão caras que devem sempre estar presentes, a senhora, Dona Hebe, é uma dessas pessoas.

Parabéns, Dona Hebe!!!



/ *Dr. J. B. Donadon-Leal* -
Professor Emérito da UFOP

É Bi-Maria

J. B. Donadon-Leal

Partindo do complexo conceito filosófico de relevância, não posso deixar de iniciar esse pronunciamento, dizendo daquilo que vi ao longo de 37 anos de convivência com Dona Hebe nas lides acadêmicas e administrativas na Universidade Federal de Ouro Preto, especialmente quando debatíamos o ensino da redação, área em que a professora Hebe foi insuperável. Em bancas de correção de redações de vestibulares, por muitos e muitos anos seguidos, perguntava ela aos textos, aos alunos redatores e a si mesma: qual a relevância dessa afirmação? Se é relevante, é relevante para quem e para quê? Era suficiente ter respostas a essas questões, para que o quesito relevância fosse pontuado na planilha de correção de redação.

A complexidade a que me referi implicada no conceito de relevância é a de que as respostas a que chegam os analistas de redações, as bancas avaliadoras de monografias, dissertações e teses pressupõem seus próprios pontos de vista e, por tabela, a paradoxal abnegação desses pontos de vista em favor de um possível ponto de vista do redator em análise. Diante desse imbróglio, Dona Hebe sacava da cláusula pétrea da liberdade de expressão, a partir da qual o redator tem a prerrogativa de destinar suas assertivas, sejam elas quais forem, a um público específico. Se há um público-alvo



explicitado, mesmo que diverso daquele da expectativa ideológica do corretor, o critério de relevância naquele texto foi cumprido, ainda que irrelevante para as bases ideológicas do avaliador. Dessa forma, afirmo com firmeza que Dona Hebe foi professora até mesmo na convivência laborativa.

Faço questão do tratamento Dona Hebe, porque a poucos essa honra é dada, de ter incorporado ao nome um “Seu”, um “Dona”. Idos tempos aqueles em que o magistério era lugar de prestígio, que dignificava a professora com esse adendo de respeito ao nome: Dona Hebe. De um lado assegurava o lugar de respeito, de outro amplificava a responsabilidade da regente de sala de aula. Mas é preciso destacar que Dona Hebe conquistou esse lugar não só pela competência didática, pela competência técnica ou pelo carisma. Sim, ela é carismática. Conquista à primeira vista. Mas essa honra de ser reconhecida e cognominada de Dona se dá, especialmente, pelo exercício humanizado da docência, numa prática de humanização bem anterior à incorporação desse conceito aos manuais de protocolos de gestão de pessoas em organizações. Hebe não recebia os alunos, ela os acolhia, também num tempo que antecede o dos protocolos psicossociais oficiais de acolhimento. Depois de expressar preocupação nas reuniões pedagógicas, Hebe ia à casa de um aluno faltoso, para saber dos motivos, e para oferecer ajuda. Quantos alunos foram acolhidos por ela em sua casa, porque passaram mal na escola, até que algum socorro médico pudesse chegar ou um familiar para resgatar essa pessoa.

De outro lado, Hebe não se restringia à lide escolar no magistério, ela também participa ativamente das atividades culturais de Mariana, oferecendo seus préstimos às bandas de música, à Casa de Cultura, às associações de bairros, aos blocos carnavalescos, às associa-



ções beneficentes, aos conselhos de cultura. Essa múltipla vivência em todos os setores da vida social de Mariana, transformou Dona Hebe numa referência de saber histórico, verdadeiro memorial vivo da história educacional, cultural e folclórica de Mariana que, no saber popular, uma onisciência ambulante. Prova disso é que ainda hoje, quando alguém quer falar de algum evento cultural da cidade, logo diz: – procure Dona Hebe!

Creio não haver escola no município de Mariana, da creche à universidade, pública e privada, que não tenha tido alguma aula, oficina ou palestra de Dona Hebe. Creio não haver associação cultural no município de Mariana, de congados, associação de bordadeiras a academias de letras, que não teve atividade com participação de Dona Hebe. Alguma marca de Dona Hebe está registrada em todos os setores culturais de Mariana, caracterizando sua onipresença.

Que pujança e força na companheira de trabalho no Programa Alfabetização Solidária da UFOP, em cursos de treinamento a docentes para alfabetização de adultos em 4 cidades do interior do estado da Paraíba; que dedicação e competência nas aulas dos cursos de Letras da UFOP a professoras dos municípios de Itabirito e Santa Bárbara; que entusiasmo nos projetos extensionistas da UFOP; que aventura intelectual magnífica no curso sobre a linguagem dos sinos, cujos resultados estão registrados no documentário Entoados – pequeno glossário da linguagem dos sinos, produzido e editado pelo Santa Rosa Bureau Cultural, 2006. Que produção literária para crianças que é a alma abnegada da professora de acolhimento – “*O Bem-Te-Sino*” e “*Chitarô – cadê o gato?*”; que docilidade na condução das acadêmicas mirins de letras, nos estudos e produção de poesia; que fôlego na produção há mais de trinta anos do sarau Cantando Alphonsus;



que civilidade e respeito às crenças, na manutenção do rito da procissão das almas; que competência administrativa ao presidir a Casa de Cultura – Academia Marianaense de Letras, Ciências e Artes; e que mérito carrega, por ser recebida pela AMULMIG, pela Academia de Letras Rio – Cidade Maravilhosa e reconhecida como Professora Emérita da Universidade Federal de Ouro Preto!

A leitura fonêmica do nome de Hebe Maria /é-bi-ma-ri-a/ nos dá a dimensão de sua grandeza. Talvez tenha sido ela a inspirar, no início dos anos 1970, Fernando Brant a escrever o poema, musicado por Milton Nascimento, Maria Maria; duplamente Maria, hino à força guerreira da mulher.

Maria Maria – (Fernando Brant/Milton Nascimento)

*Maria, Maria é um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta
Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive apenas aguenta
Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo essa marca
Maria, Maria mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania de ter fé na vida*



É justamente esse dom, essa certa magia, essa força que nos alerta, ter raça, que é preciso ter gana sem-

pre, ter sonho sempre, pois quem traz na pele essa marca possui a estranha mania de ter fé na vida, que Fernando Brant brilhantemente nos revela. Essa mulher, duplamente Maria, É-Bi-Maria, é essa força que faz a cultura acreditar que tem chances de se inovar, respeitando tradições e ao mesmo tempo rompendo fronteiras.

Que neste ano que abre a década nonagenária de É-Bi-Maria, todos os corações de Mariana pulsem com o vigor de Dona Hebe, para que ela continue a brindar a humanidade com textos e ações humanizadoras, a ensinar os caminhos do acolhimento como fundamento básico de todas as atividades profissionais e de entretenimento.

Quem em seu louvor inflem os tubos do órgão da Sé, entoem em retretas as bandas de música, desfile o bloco carnavalesco Folia Nossa e declamem os poetas nas sacadas da Casa de Cultura:

É-Bi-Maria...

Uma vida em pas de deux
terna professora!

/ Dr. J. B. Donadon-Leal.



*Dr. José Luiz Foureaux de Souza Júnior –
Professor aposentado da UFOP*

Um Dia

José Luiz Foureaux de Souza Júnior

Uma quarta-feira. 20 de janeiro de 1999. Duas horas da tarde. À sala de reuniões, os professores começavam a chegar. Mais uma tarde perdida com discussões insossas, inócuas, enfadonhas. Havia sempre os que defendiam o “direito” à “assembleia departamental”. Eufemismo para reunião. Coisa chata, sem graça. As mesmas conversas, mas mesmas convenções, os mesmos protocolos. Tudo muito igual. No entanto, naquela tarde, algo faria mudar um pouco o cenário miasmático de quartas-feiras como aquela. De uma das janelas, via-se a praça da Câmara Municipal. As torres das duas igrejas. O céu azul. O calor dentro da sala de reuniões – em que pese sua dimensão larga e as inúmeras janelas coloniais escancaradas para a entrada da canícula que só amodorrava mais ainda a insossa reunião. Tudo muito igual. No entanto, como dito antes, da mesma janela que se divisavam as torres e o azul do céu, via-se a nuvem cinza escuro subindo como lufada de vento estancado. Uma das igrejas pegava fogo. Ninguém no recinto se deu conta do que se passava na praça da Câmara. Estava observando a cena quando ela se chegou me cumprimentou e perguntou o que havia. Eu aponte para a lufada de fumaça. Ela quase soltou um grito ao dizer: a igreja de Nossa Senhora do Carmo está pegando fogo! Ficou atordoada. Pediu licença à presidência da mesa e se foi. Desabalando pelos corredores coloniais, a divisar *in loco* o que se passava. Era a visão da História encarnando-se num episódio fugaz: um incên-



dio na praça da Câmara. A personagem central desta cena era ela, a colega que se chegou a mim quando eu observava a cena da janela, na sala em que ia ocorrer mais uma reunião de departamento. Hebe Rola Santos. *De promptu* me trai a memória da presença ou não de um “Maria” depois de Hebe, antes de “Rola”. A “birô”, como um amigo a apelidou. Creio que já era, àquela altura, decana do departamento, quicá do instituto. Tenho minhas dúvidas. Sua presença, ainda que muda, impunha respeito. Reação natural, talvez, pela visão das cãs. Sua letra bordada e grande, impossível de não ser lida. Sua prosa bem mineira, seu olhar matreiro, observação arguta. Para usar um chavão: memória viva daquele instituto, de sua história. Ela que sempre pontuava o uso de mesóclise, mania que alimentei ao longo de mais de vinte anos de magistério. Dona Hebe. Popular na primaz. Conhecida de todos. Madrinha de um tanto. Exemplo de muitos. Educadora, esposa, mãe, colega, amiga. Dona Hebe sempre, para mim, alguém que se impunha sem esforço, sem sofrimento. A admiração vinha como rescaldo da convivência profissional, na memória dos que por ali passaram e com ela mantiveram contato em suas aulas. Jamais assisti a uma aula sua. Mas sabia delas por comentários alheios, sempre cheios de admiração e saudade. Cordata e observadora, não dava pinote à toa, não abria a boca sem ter certeza do que ia dizer e não deixava por menos quando “cortar” era o verbo a ser conjugado. Ficou dela uma impressão positiva, sempre. Algo que só faz enaltecer a vetusta imagem de uma senhora, agora nonagenária, a irradiar o que de positivo alguém pode, numa profissão como a sua. Feliz aniversário, Dona Hebe! /// Contagem, verão, 2021. /// (José Luiz Foureaux de Souza Júnior – Doutor e Pós-doutor em Literatura. Professor aposentado da UFOP. Membro da ALACIB-MARIANA-MG). — — — — —



CONVIDADO ESPECIAL:

Dr. Luiz Carlos Abritta

Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.
Membro da AMULMIG e da ALACIB-Mariana.

HEBE RÔLA

NA LIRA DOS
NOVENTANOS

Luiz Carlos Abritta

Hebe Rôla
mestra de escol
Hebe agita
Hebe fala
e nós todos
deslumbrados
vamos correndo
mais para o alto
onde ela está
e então esparge
lições eternas
da mais pura
literatura.

Há muito tempo
Hebe era deusa
da juventude
da antiga Grécia.
Hebe de hoje
é muito ativa
e a todos dá
a segurança
a alegria
- vereda fértil.

E então nós todos
plenos de encanto
haurimos sempre
lições eternas
dos altiplanos
onde ela está !



Homenagem da Academia Marianense Infantojuvenil
de Letras, Ciências e Artes – AMILCA

Pedra 90

Pedro Chaves

NA PRIMAZ DA TERRA MINEIRA
POETISA DA EDUCAÇÃO
SEMEIA A CULTURA GAVETEIRA
ENSINAR É SUA MISSÃO

CANTANDO ALPHONSUS
CUMPRINDO SUA SINA
NOS ELEVA, NOS ENCANTA
SEU SABER NOS ILUMINA

ANIMAÇÃO CONTAGIANTE
ALEGRIA SEM IGUAL
PROCISSÃO NA SEMANA SANTA
A FOLIA É NOSSA NO CARNAVAL

PERSISTÊNCIA, POSTURA
MUITA FIBRA E DEDICAÇÃO
DE UM JEITO TODO SEU
VIVE PELA EDUCAÇÃO

UMA GRANDE INSPIRAÇÃO
FOCO, FORÇA E BRAVURA
COM UMA EXTREMA PAIXÃO
TORNOU-SE DAMA DA NOSSA CULTURA

MARIANA APLAUDE DE PÉ
E NÃO CANSA DE AGRADEÇER
POR SER ESSA MULHER
QUE NÃO DEIXA A HISTÓRIA MORRER



SEMEIA SUA SEMENTE
E MUITO AINDA HÁ DE SEMEAR
AMOR, CULTURA, EDUCAÇÃO
DE UMA FORMA SINGULAR

SUA HISTÓRIA É BELÍSSIMA
SUA VOZ NOS ORIENTA
É UM SER SENSACIONAL
SIMPLES ASSIM. PEDRA 90!

Pedro Chaves

Homenagem da ex-aluna e amiga da ALACIB
-MARIANA, *Magna Silva Ferreira Machado*

HOMENAGEM A DONA HEBE

Magna Silva Ferreira Machado

Há pessoas que marcam nossa vida para sempre. Dona Hebe é uma dessas pessoas. Já dizia Cora Coralina: Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina. Assim é a nossa homenageada, Hebe Rola, inspiração e exemplo de cidadã, profissional, de dignidade, humildade, sabedoria, simplicidade, sensibilidade; é JOIA RARA de nossa PRIMAZ DE MINAS e, incontestavelmente, dona de saberes múltiplos, conhecedora inigualável da cultura e das tradições marianenses.



A minha história com a Dona Hebe começa na 6ª Série do Ensino Fundamental, na Escola Estadual “Dom Silvério”, quando lecionou para mim. Era uma turma de muitos alunos, mal dava para passar entre as carteiras. Além disso, era uma turma muito falante e o sol esquentava mais ainda a sala com suas janelas de vidro, sem cortinas. Engraçado que, quando a Dona Hebe chegava na 6ª A, todos se acomodavam em suas carteiras e ao iniciar a aula todos ficavam atentos para escutá-la. E com que maestria ela explicava o conteúdo gramatical, além de ter uma pitada de boas histórias por ela contadas. Aliás, seus ensinamentos iam muito além de conteúdos curriculares, tamanha era a sua vontade de transformar o conhecimento em algo significativo para seus pupilos. Desde então, intensifiquei o meu gosto pela leitura e pela Língua Portuguesa. E por isso fiquei ainda mais fã da professora, da mulher forte e de tudo que ela representava para mim. Ela passou a ser a “minha ídola”. Concluí o Ensino Fundamental, optei pelo Magistério. Passei no Vestibular da UFOP e, é claro, tinha convicção que o Curso de Letras me levaria aonde eu queria chegar e ser professora de Língua Portuguesa, assim como a Dona Hebe. Mais uma vez quis o destino que eu a encontrasse e, mais uma vez, como professora de Produção de Texto, em pelo menos dois períodos. E no decorrer do curso, o que nunca faltou foi o seu incentivo, e os seus olhos sempre voltados para a comunidade. Assim que formei, fui indicada pela Dona Hebe para fazer parte da Banca de Correção de Redação do Vestibular da UFOP. Quanto aprendizado nessa experiência ímpar! De lá pra cá, nosso convívio passou a ser mais frequente e outras indicações de emprego surgiram. A “minha ídola” estava sempre presente nos projetos que desenvolvia nas escolas onde trabalhei. Ela era sempre a nossa querida contadora de



histórias e oficinaira. Como a sua participação era enriquecedora nos projetos de minha escola e de tantas outras!

E Dona Hebe não para. Dona de uma memória singular, ela é incansável na arte e na vida. Como ela mesma disse em uma de suas entrevistas exclusivas à Top Cultura, cada vez que ganha uma titulação como a de Professora Emérita da UFOP, sente-se cada vez mais comprometida em trabalhar em prol da Educação e como forma de fazer “jus” ao título. GRATIDÃO ao POVO MARIANENSE é sentimento dela para justificar a sua vontade de fazer o melhor por nossa cidade, conduzindo crianças, jovens e adultos na construção de uma sociedade mais justa e mais humana.

Homenagem Especial do Neto da Professora Hebe

DONAS HEBES

Lucas Carvalho Rôla Santos

Eu conheço duas Donas Hebes. Bem, para ser justo, devo dizer que existem muitas mais. Há diversas, múltiplas, infinitas variantes de Donas Hebes. Mas, para fins de categorização, separo-as em duas.

Conheço a Dona Hebe avó, que também pode assumir outras funções para os outros membros da família. E conheço a Dona Hebe Professora Emérita



Contadora de Causos Poetiza Aldravista Pesquisadora da Cultura Marianense Especialista em Linguagem dos Sinos Recuperadora da Procissão das Almas Presidente da Casa de Cultura da Academia Marianense de Letras Idealizadora e Coordenadora da Academia Infantojuvenil de Letras Membro da Banda Personagem do Zé Pereira Entidade Folclórica da Cidade de Mariana – MG.

É assim mesmo que as atribuições vêm: num fôlego só, sem vírgula. E tem sempre espaço para mais. A Dona Hebe folclórica é um acumulado que, paradoxalmente, se espalha para todo lado de Mariana, do Brasil e do Mundo.

Ambas as Donas Hebes entrecruzam-se e se dissipam na mesma medida.

A primeira frequenta os álbuns de família como praticamente toda e qualquer avó que existe. A segunda tem placa na frente de casa, colocada pela prefeitura, e traduzida solenemente em pelo menos duas línguas, para que as pessoas, não importa de onde venham, compreendam a importância que tem, para a cidade, a pessoa que ali reside.

Entretanto, são os fundos dessa mesma casa emplacada, da Dona Hebe reconhecida pelo mundo, o cenário da foto da vovó feliz com seu netinho, recém-chegado, no colo. Coexistem, em chaves díspares.

Desde que me entendo por gente, a Dona Hebe avó brinca que tá “um caco”. Quando vinha me visitar na rua Bom Jesus, eu, menino, lá para os meus oito anos de idade, corria para recebê-la em frente ao antigo Ginásio Poliesportivo, e essas eram as palavras que eu ouvia:

- Como você está, vó?

- Uai! Tô um caco. – respondia risonha.

A outra Dona Hebe, em compensação, sempre esteve firme e forte. Envelhece como vinho, e vem melhorando com o tempo, sem fraquejar a disposição. Com ela,



não tem tempo feio. A Dona Hebe da rua não para quieta: frequenta missa, procissão, reunião, cerimônia, corrige os textos de Mariana, corrige os vestibulares, escreve conto, escreve poema, escreve livro infantil, ministra aula, faz discurso, dá entrevista...

Ufa! É um cortejo infinito de compromissos e atividades que cansa só de listar, mas ela não esmorece. Participa de tudo e quem sabe mais um pouco.

Às vezes, eu vou ao encontro de uma e dou de cara com outra, às vezes ambas se misturam numa só e, às vezes, eu atrapalho uma delas, ou as duas.

Certa feita, vim de Belo Horizonte para Mariana no Dia das Mães, esperando não mais que um almoço familiar e, quando dei por mim, estava em cima de um palco, com uma placa na mão, circundado por autoridades de todo tipo, a banda à frente já pronta para tocar e o auditório apinhado de gente. Eu mesmo não tinha sido convidado para o evento, somente dei a sorte de chegar a tempo e já fui incluído na comitiva.

Naquele dia, a festa não era para a mãe e avó Dona Hebe, a festa era para Dona Hebe, mãe e avó de Mariana.

Também já aconteceu o inverso, de eu chegar em Mariana esperando encontrar minha avó para, no máximo, um cafezinho, dada sua agenda ilimitada na qual cabem todas as pessoas, horas e lugares, e encontrar uma Dona Hebe tranquila, descompromissada, à frente da televisão, que podia dedicar horas de conversa às coisas bobas e boas da vida.

Mas o problema acontece mesmo quando eu pego as Donas Hebes de surpresa. E eu gosto de fazer isso. Há dias em que apareço em sua casa, de supetão, sem ter avisado da visita, para desespero da Dona Hebe avó e da Dona Hebe entidade de Mariana, que se vêm obrigadas a desdobrarem-se ainda mais. Nessas ocasiões, a Dona



Hebe avó geralmente desce correndo à rua para buscar os mantimentos do café para o neto, mas, tão logo retorna com as compras, diz que não pode ficar nem para um golinho. É que os compromissos da outra Dona Hebe urgem. Ainda assim, à noite, quando chega em casa, a chave já está mudada e a primeira coisa que ela pergunta é:

- Tomou o café, Lucas?

A Dona Hebe avó preocupa com a nutrição, a Dona Hebe da rua preocupa com as palavras e discursos. A Dona Hebe avó diz que tá frio, fala para levar casaco. A Dona Hebe da rua já saiu, sempre elegante, com seu chapéu de palha e o cachecol para proteger do frio. Ambas estão sempre em movimento. A avó acompanhou o crescimento da tríade de netos original, eu, Leo e Kim, depois a nova leva, com Alice e Francisco. A Dona Hebe da rua foi professora, alfabetizou gente Brasil afora, aposentou, mas não saiu do ICHS, foi assim, escrevendo e corrigindo, escrevendo e corrigindo, e passando por cada nova etapa da vida.

Recentemente, tivemos contato com a Dona Hebe bordadeira que mesclou ambas: é fato social, pois que pertence ao Grupo das Bordadeiras da Casa de Cultura, mas também borda tranquila no sossego da casa, independente do mundo. Também já trabalhei com vó e professora ao mesmo tempo quando produzimos o livro infantil “Chitarô”.

A verdade é que, a despeito dessa categorização, são as duas minha “Vó Hebe”.

E as duas me trazem igual orgulho, embora por diferentes motivos. De um lado, o carinho e afeto familiar, do outro o exemplo de trabalho, compromisso social e atuação cultural. Uma me ensina pela ancestralidade, outra pela experiência, conhecimentos e vida de educadora. Uma me veio por natureza e sorte, outra por



afinidade e respeito.

É necessário dizer, contudo, que, ainda que privilegiada, essa proximidade, fruto da convivência continuada, infelizmente às vezes leva àquele equívoco compreensível de se esquecer ou não saber, de fato, a dimensão da importância que uma pessoa tem.

Sinceramente, não tenho noção da amplitude dessa Dona Hebe com quem convivo desde antes do berço. De todas as vidas que ela tocou, pessoas que ajudou, os trabalhos que desenvolveu e desenvolve. Sequer conheço todos os seus textos. A produção, tenho certeza, extrapola em muito o que já li. Sei apenas que, entre o exagero da brincadeira e uma parcela fundamental de verdade, costumasse dizer que Dona Hebe deu aula para todo mundo de Mariana e Ouro Preto. Considero importante pensar na parcela real dessa sentença.

No convívio e nas demandas do dia-a-dia, o legado não é medido, tampouco mencionado, mas ele permanece e cresce a cada dia: as marcas positivas que Dona Hebe tem deixado na vida de inúmeras pessoas persistem e se ampliam. São essas as Donas Hebes múltiplas e infinitas de que falei no início. Para cada aluno, cada colega de profissão, cada amigo, passante casual, cada um com quem teve convívio próximo ou mesmo que só a viu pela televisão, ou leu seus textos, uma Dona Hebe fez-se presente. E tenho pra mim que foi exemplo.

Exemplo de perseverança e força; exemplo de independência feminina de uma mulher que trabalha desde os 15 anos; exemplo de crença no valor e na democratização da educação; exemplo de militância pelo patrimônio cultural; exemplo de integração entre academia e cultura popular; exemplo de compositora, contista e poetiza; exemplo de disposição, de bom-trato; exemplo de amor à língua-mãe... Os exemplos acumulam-se na mesma



medida que se acumulam as Donas Hebes.

Por isso, amo a minha vó, mas gosto do fato de poder compartilhá-la com o mundo: justamente porque espero que o mundo veja na minha vó esses e muitos exemplos possíveis.

Contudo, seja como avó, seja como pessoa pública, estamos cá falando de atribuições; atribuições no seio familiar, atribuições no seio social. As atribuições fazem a Dona Hebe, mas consistem do que ela é em relação a outros, seja de fora, seja de dentro da família. E aqui, então, gostaria de finalizar este texto falando de uma última Dona Hebe, uma Dona Hebe que nem mesmo a família conhece plenamente, mas que já tive, numa ocasião singular, a oportunidade de ver vislumbre, e que me ensinou e foi exemplo do mesmo jeito: a Dona Hebe que é simplesmente Hebe, sem todas as demais funções.

Há alguns anos, entrei no casarão esperando que o barulho fizesse notar minha presença. Mas Hebe encontrava-se lá ao fundo, na cozinha. Quando cheguei à soleira do recinto, pude ver cena que jamais esqueci de tamanha beleza: minha vó, sozinha, sem que me notasse, podendo ser ela apenas. Pareceu-me uma pintura e me marcou profundamente: Hebe cuidou das galinhas, coou um café e ficou ali, na varanda da área de serviço, tomando seus golinhos, com simplicidade tocante, enquanto observava as bichinhas ciscando.

Não havia passado, nem futuro, somente aquele aqui e agora. Hebe estava fazendo umas das coisas mais difíceis da vida que é viver o presente, independente do que já fizera ou do que gostaria de fazer, estava ali, única e integrada ao momento. Independente das conquistas e realizações, e também dos eternos projetos – a vida “esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta”, como diria Guimarães Rosa, mantinha o



centro, tranquilo, no presente. Fui embora, sem interromper, para que ela não tivesse que ligar a chave de avó. E, naquele dia, aprendi o segredo de Dona Hebe e sua longevidade: a presença plena na vida, no momento em que a vida acontece, nos faz continuar, progredir e nos multiplica em ressignificação. As Donas Hebes surgem dessa disposição, de estar presente, nas formas possíveis, nos momentos tais como se apresentam.

É assim que se chega, com essa vitalidade, aos 90: sendo única e muitas ao mesmo tempo, seguindo a contingência da vida. De minha parte, só agradeço pela lição silenciosa e espero, algum dia, adquirir também essa sabedoria e fluidez de se desdobrar na medida do tempo, o que é pra poucos. Esses poucos que, paradoxalmente, são muitos e que, na sua multiplicidade, mostram-nos como fazer valer a vida e povoam nosso imaginário.

Te amo, N'Hebe.

(**Lucas Carvalho Rôla Santos** é formado em Artes Plásticas pela Escola Guignard, Mestre em Artes pela UFMG e neto de Dona Hebe. Atualmente, é professor da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes e coordena o projeto “Cozinha Gráfica”, de pesquisa em artes.)





DEPOIMENTOS DE EX-ALUNOS

(...) Tive a honra de tê-la como professora; humilde, sábia, competente, cativante, amiga, acolhedora, dentre outros predicados. Merece toda homenagem do mundo. Ela vive e escreve sua história com maestria, arrancando de todos eterna admiração. Grande mulher!!! *(Rosilene Carvalho)//////////*

Admiro e amo essa mulher!... fez parte da minha infância, pois foi diretora da escola onde cursei o ensino fundamental. Depois tive o prazer de ser sua aluna no curso de Letras da UFOP. Muito do que sou hoje, enquanto professora, me inspirei nessa pessoa maravilhosa. *(Suely Calixto)//////////*

Como amo essa mulher! Desde criança tive a honra de conhecê-la, como educadora, mãe, vizinha, poetisa, ativista cultural na nossa cidade. Particpei de diversos projetos por ela coordenados, entre eles o Contador de Causos e Histórias do ICHS!. Merecidíssima homenagem. *(Alcides Ramos)//////*

No início dos anos 80 passei pelo Projeto Museu Escola, desenvolvido na Casa Setecentista (atual Escritório do IPHAN), do qual Dona Hebe era uma das professoras e coordenadora, onde aprendi as primeiras noções sobre a arte, cultura e História local, projeto este creio, pioneiro na Educação Patrimonial. Depois tive o prazer de tê-la como professora de Educação Artística, na Escola Estadual Dom Silvério.

Hoje, sou Arte Educador (formado na UFMG), artista plástico restaurador e escrevi dois livros! E vejo que o Projeto Museu Escola, foi muito importante nessa trajetória. *(Eduardo Campos).*





Academia Marianense Infantojuvenil de Letras



Acadêmicas da Academia Marianense Infantojuvenil de Letras participam da Palestra: “Aspectos culturais e folclóricos de Mariana” – Palestrante: Hebe Rôla – ALACIB-MARIANA –MG. – 2015 – ICHS/UFOP

Galeria de Fotos da Professora Hebe Rôla



Casa de Hebe Maria Rôla Santos

Mestre emérita, escritora, pesquisadora, incentivadora cultural e defensora do patrimônio histórico e artístico de Mariana. É autora de movimentos de formação, difusão e resgate nos campos da arte, música, literatura e cultura popular.

House of Hebe Maria Rôla Santos

Master Emeritus, writer, researcher, cultural instigator and supporter of heritage historical and artistic Mariana. Author of training movements, distribution and redemption of the fields of art, music, literature and popular culture.

Placa alusiva à
Professora **Hebe Rôla**.
Homenagem do
Município de Mariana.



Casa onde nasceu
e vive **Hebe Rôla**.





Hebe e suas colegas, normalistas do Colégio Providência, em 1949 – Fonte: *Burraia News* – Hebe Rôla (2ª Estudante da esquerda para a direita)



Professora Hebe, Movimento Renovador de Mariana e Ronaldo Fraga – Casa de Cultura – AML





Burraíá News: O saudoso **Artista Plástico Zizi Sapateiro**, e **D. Hebinha**, jurados do Concurso de Fantasia Infantil do Carnaval de Mariana de 1990, batizado de **Catitão 90 em Homenagem ao Zé Pereira da Chácara**. Local: **Porta da Sé**.



**Membros da AML, J.S.Ferreira, Anicio Chaves, Samylla Mol, Hebe Rôla, Donadon-Leal, Andreia Donadon, Gabriel Bicalho, Rafael Santos, Ozanan de M. Santos e Luciano Guimarães.
– 2019 – Sessão Solene de Posse.**



**Hebe Rôla fazendo seu discurso de Posse Acadêmica.
– 19/04/2011 – Sessão Solene de Posse. na AMULMIG.**





No dia 19 de abril de 2011, na sede da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, em Belo Horizonte, a escritora e poeta aldravista **Hebe Rôla**, tomou posse na Cadeira nº 317, Representando o Município de Mariana - Minas Gerais/////



Poetas Aldravistas - Gabriel Bicalho, J.S.Ferreira, Hebe Rôla, Donadon e Andreia Donadon - AML - 2019.





50 anos de Magistério da Professora Hebe Rôla – 1998.
Hebe Rôla e Roque Camêllo (Presidente da AML)
Homenagem da Academia Marianense de Letras.



Homenagem do ICHS/UFOP – 1988 –
Hebe Rôla e o Diretor do ICHS, Dr. J.B. Donadon-Leal



A Poesia de Hebe Rôla



A ARTE
Hebe Rôla

Em Mariana A ARTE esvoaça no dobre dos sinos
Canta nas bandas de música
Nos conjuntos de seresteiros, nos corais
Pinta nos tetos dos templos e
Esculpe as portas dos sacrários
Desenha nas fraldas das montanhas
Borda nas minas e nos leitos dos rios
Fotografa na cachoeira
Tece nos tapetes de pita e
Nas peneiras, esteiras de balaios de taquara
Coreografa a arma nas contas-de-lágrimas de
Nossa Senhora
Batuca no Zé Pereira da Chácara
Louva no Congado da Barroca
Garimpa e bateia nos filetes auríferos



Reza nas trezenas, nas novenas e no setenário
das Dores

Poeta no seixo rolado das ruas e na Ponte de
Tábuas

Cultiva e cultua o Seminário São José

No Seminário Nossa Senhora da Boa Morte

No Colégio Providência

No Noviciado Nossa Senhora do Carmo

Planta na colheita do milho e do feijão

Mói na mó pedra-sabão do moinho d'água

Trota no trote da tropa e no assobio do tropeiro

Promete, reverencia e agradece nos ex-votos e

Monsenhor Horta

Cria, fala, recria, vibra

Inventa, lamenta, reage e

Documenta a história do povo

Que constrói as Gerais.



ALDRAVIAS

Hebe Rôla

01

café

medroso

clarividência

marianenses

em

inconfidências

02

gaveta

aberta

destino

plúmbeo

Mariana

alerta

03

sino

divino

plange

responsus

canta

Alphonsus



MARIANA PONTO TURÍSTICO SENTIMENTAL



(Foto: César do Carmo)

O JARDIM DE GOMES FREIRE

Hebe Rôla

O Jardim de Gomes Freire
ladeado pela Pedra do Amor
ponto de encontro dos apaixonados
encantados pelo Lago da Ferradura
moldura de peixes vermelhos
e girinos negros
que traz sorte ao jogar-lhe uma moedinha
e pedir à estrela madrinha:
- primeira estrela que vejo
me dá tudo que desejo

A Ponte do Suspiro
que separa lagos
afoga afagos
entre a ferradura e o estribo
aquíferos



A Ilha do Amor
cheinha de ninhos
carinhos

construção de sonhos
risonhos
de nascimentos e pétalas

Os canteiros
flores olores policromia
inspirados na teoria da Escola Italiana
de Geometria e Álgebra
as penas esvoaçantes cantantes
contracantam com a sinfonia
das bandas de música
alegretto no coreto
e das vozes infantis
os banquinhos silentes
salas de visita tecendo memória
história
orquestradas pelas fadas borboletas
brancas pretas multicores
perpetuando a arte a botânica a vida
na Terra Aurora das Minas Gerais





A Prosa de Hebe Rôla

[A PROSA NOS CONTOS DA
PROFESSORA HEBE RÔLA]



China *Hebe Rôla*

Rosto moreno, meio amarelado, já bastante castigado pelo tempo, olhos amendoados, quase fechados, lábios finos, estrias e rugas, chapéu chinês, roupas largas e soltas de bons tecidos, sapatos grandes afunilados nas pontas, vinha pela rua D. Viçoso, antiga rua D'Olaria, o China, patinando na ponta dos pés.

Num bastão de madeira, atravessado aos ombros, pendurava balaios, cestas, peneiras, sombrinhas artística e pacientemente tecidas em taquara. Em uma das mãos, um vistoso balaio de verduras e bananas que vendia pelas ruas:

- Come foia! Foia muito mais mió.

Oferecia aos que visitavam sua casa, na rua D. Viçoso, água de banana como nutriente e quase milagroso alimento. Em uma gamela mergulhava pedaços de banana e até hoje não se sabe o resto dos ingredientes que compunham a beberagem que ele tomava e servia cerimoniosamente com um misto de sábio e bruxo:

- Água de panana mió saúde! Muito pom!

As irmãs do Colégio Providência, lideradas por irmã Luísa, empenhavam-se na catequese do China. Visitavam-no e davam-lhe aulas de catecismo. Queriam batizá-lo, mas ele ficava irredutível.

Um dia, bastante adoentado, enquanto recebia os cuidados médico que elas levaram até ele, a irmã Luísa, temendo que ele morresse sem o sacramento do batismo, intensificou seu trabalho pastoral:

- Olha, China, o inferno é um lugar horrível! Lá só se vê fogo e caldeiras de água fervente! Quem vai para o inferno queima-se eternamente na fogueira!... Já



imaginou o sofrimento de quem fica lá, sem poder sair; espetado pelos garfos em brasa dos demônios? Quem resistiria a este sofrimento, além de não ver Deus? O calor é desesperador!

China ficou cabisbaixo e pensativo. A irmã Luísa quase comemorava a vitória, quando depois de longo silêncio, ele respondeu convicto:

- *O' mã, cum tu gi cutum.* (Olhe irmã, com tudo a gente acostuma)

Mas a resistência do China foi vencida e batizaram-no com o nome de João Maria.

Na década de 1980, o *Folia Nossa*, grêmio artístico cultural de Mariana, desenvolveu, no carnaval, o tema *Chinoiserie em Mariana*, e, a certa altura da marcha enredo, cantavam:

*Toda rua D'Olaria crê no China João Maria
A criançada vibrante de sombrinha e balaio
Se encanta com o seu falar
Repete ao vê-lo na rua
Velha marcha popular
" Já vem seu China
Na ponta do pé
Ligue, ligue, ligue
Ligue, ligue, ligue, lé
Dez tostões, vinte pratas
Banana e café
Ligue, ligue, ligue
Ligue, ligue, ligue, lé"*



Assim, à *Chinoiserie de Mariana* acrescentou-se a *Chinesite*, o ite do nosso China João Maria. E a expressão *cum tu gi cutum* passou a fazer parte do léxico marianense.

- Bota fogo, seu foguista / Que preciso muita força / Muita força / Muita força.

Manhãzinha no Colégio Providência. A colega Leopoldina se orienta pelo trilo do trem: *- É benzinho! Aposto! Eu conheço o apito dele!*

E, dali pra frente, deitava-se sobre a carteira e sonhava... sonhava. Nós, outras estudantes, tentávamos esconder uma pontinha de inveja que tínhamos dela. Por que nosso príncipe encantado não vem, também em forma de maquinista? A Maria Fumaça, esparzindo um cheirinho de toucinho defumado, desfilava pra lá e pra cá, traçando nos céus nuvens de encantamento.

Chega o mês de setembro e com ele a Romaria a Congonhas, a Igreja do Bom Jesus. Irmã Maria José Iolanda, professora de Artes, reunia internas e externas, o que já era um milagre, para a piedosa peregrinação. De mãos dadas, duas a duas, uniformes impecáveis, rostos sem nenhum sinal de pintura, chegamos à estação. Cinco horas, e a plataforma estava repleta de rapazes! Afinal era uma vez na vida, outra na morte, que as moças do Colégio saiam. Não chegamos ao guichê. A Central do Brasil já providenciara as passagens. A um canto, um grupo de rapazes desconhecidos entoou:

- Adeus, Mariana / que eu já vou embora; / levo pena, deixo pena, / vou pra Juiz de Fora.

Nós felizes, mas fingindo não ouvi-los, nos entendíamos por códigos, temendo a reação da irmã Maria. Finalmente entramos no comboio. Um carro de primeira classe já estava separado para nós. Rezamos e, para que não tivéssemos maus pensamentos, fomos cantando orações e versos a Nossa Senhora:

“No céu, na terra se canta / com sonora melodia / nessas vozes tão suaves / o santo nome de Maria! / Com razão, dizia São Bernardo / que com gosto trocaria / todos



os bens deste mundo / só por uma Ave Maria! / Viva o nome de Maria! ”

À hora da refeição, abrimos os farnéis e entre trocas de quitutes e gentilezas, deixamos lugar para o delicioso almoço que o próprio Colégio preparou.

De vez em quando, o chefe do trem, com traje azul – marinho semelhante aos dos militares, passava por nós. Troca de olhares, de sorrisos e uma disputa velada entre as passageiras, que de tempo e tempo, arrumavam o cabelo e as preguinhas das saias para ficarem bem bonitas. Algumas rebeldes passavam um ligeiro batom ou ruge que eram rapidamente tirados, quando a freira se aproximava. O trem parece respirar pausadamente: *Que preciso muita força/ muita força / muita força... / muita força!*

Está abafado! O sino da locomotiva anuncia a parada: *Vem o trem – vem o trem!*

Estação Miguel Burnier.

Manifestamos desejo de conhecer a estação. Nossa mestra explicou porque não nos atendia. Vamos cantar pra Nossa Senhora: *Nossa Senhora faz meias, / com linha branca de luz; / o novelo é a lua cheia / e as meias são pra Jesus.*

Um outro vagão levava para Congonhas o time do Marianense Futebol Clube e a Banda União XV de Novembro. Fizemos a baldeação sob os olhares vigilantes da nossa mestra e de sua equipe de auxiliares. Seu Nezinho entra no vagão posterior ao em que estávamos, carregando a tuba com a mesma graça e leveza de um pássaro carregando as asas. Sebastião Basílio ensaia uma batida cadenciada no bombo tão redondo e volumoso como ele. Assunção, Atanásio, Lacreca, Aníbal, Joãozinho e Niquinho Walter tocam uma marchinha carnavalesca, ensaiada pelo Jazz Band Quiriri. O trem era a bateria



ambulante: *Chop chop / chop chop / chop chop / chop chop / Tchiiiiiii.*

As comportadas alunas do Providência apenas meneavam a cabeça, batiam com leveza os pés no chão, sem levantarem as pernas, e falavam a língua do *p* ou do *f*, para que a enérgica professora não percebesse o assunto, não se cientificasse da conversa: - *Vopocepê vapaipi aopao baipailepe? Euferreu esferrestouforrou deferre casfarrastifirrigoforro.* (Você vai ao baile? Eu estou de castigo).

O diálogo foi cortado por um animado samba tocado pela União e cantado pelos jogadores do Marianense.

Internas e externas do Providência começavam a solfejá-lo baixinho.

Irmã Maria ficou indócil. Chamou o chefe do trem e lhe perguntou se ainda estava muito longe.

- *Não, reverenda, já estamos quase chegando, a próxima parada é Congonhas.*

- *Graças a Deus e a Virgem Maria.*

Em todas as estações que passávamos uma mesinha de café com biscoito frito, cuscuz, broa e aquele leite encorpado convidavam - nos a descer. Mas a nossa professora ficava irredutível: -- *Moça oferecida é como galinha no pau, não tem valor!*

Obedientes, levantávamos das poltronas, ajeitávamos as pregas bem sulcadas da saia e nos púnhamos à janela. Mocinhos passavam insistentemente à frente de nossas janelas e apenas olhares brejeiros das moinhas namoradeiras os acompanhavam. Um se arrisca a mandar-me um bilhete. Uma colega pega-o para passá-lo a mim. Uma auxiliar da Irmã Maria vê. Minha colega o enfia no sapato e mostra as mãos vazias. E o trem seguia sua rota; não estava nem um pouco interessado em nossos namoricos: - *Quem já vai pra Congonha / Pega a mala*



sem vergonha.

Irmã Maria decide contar-nos o romance de uma moça que causou a morte do pai. E na cadência do trem, uma colega mais atirada repete. *Teco – tereco – teco/ Maravilha / Quem matou o pai / Foi a filha!*

Estação de Congonhas. Uma multidão se amontoava na plataforma. Descemos do trem religiosamente, de mão dadas e em fila, em pleno ano de 1947. A Banda e o Time postaram-se à nossa frente. Seguimos para a cidade. O senhor Pároco, as Filhas de Maria e as Damas do Coração de Jesus prepararam-nos um saboroso café colonial! Agradecemos a gentileza com um discurso. Fomos fazer a Via Sacra: Ficamos extasiadas ante o Bom Jesus, as obras de Aleijadinho policromadas por Athayde, o maior pintor do período colonial. Cheias de graças, impregnadas de fé, e da fragrância do manjerição roxo e do incenso, que perfumavam o ambiente, voltamos ao trem. A União e o Marianense também voltavam. Cantávamos bem baixinho com eles: *Picolé de creme coco e abacaxi / dá piriri (bis) / picolé de creme coco e limão / Dá indigestão (bis).*

Ou então a paródia: *Arroz queremos com feijão / A carne queremos com limão / Porém se o Providência / Precisar da Macacada / Batemos em retirada / Amor fiel / Por um pastel / Por um pãozinho / Cheio de mel.*

Irmã Maria mostrou logo a sua esperteza... havia algo diferente no ar... as meninas estavam com caras brejeiras demais. Ordenou:

- O hino do Colégio!

Inundas sempre de luz / A alma da mocidade / Tudo em ti me seduz / reduto da castidade.

O trem, num apito saudoso, ecoou:

Vou iiiiiiiinnnnndooooo!

Na estação de Congonhas uns rapazes canta-



vam: - *Menina, quando tu for / Me escreva lá do caminho,
/ Se não tiver o papel, / Nas asas de um passarinho / Da
boca faz o tinteiro / Da língua, pena aparada, / Dos dentes,
letra miúda, / Oi, dos olhos, carta fechada!*

Demos um leve sorriso para a rapaziada e prosseguimos a viagem. O trem, num apito saudosos grita:

- *Já vooooooooou!*

E se embrenha na escuridão da noite. Não víamos nada além do brilho das estrelas.

- *Primeira estrela que eu vejo.*

- *Me dá tudo que o que eu desejo* – disse alguém.

E a correção impiedosa surgiu logo, na voz de todos:

- *Dá-me tudo o que desejo.*

A Maria Fumaça fez ouvido de mercador e continuou: - *Quem já vem / de Congonha / Pega a mala / sem vergonha.*

E nós continuávamos a ver e ouvir estrelas, certas de que fomos estrelas por um dia.

No outro vagão, a Banda da União tocava e cantava com o regente Jorge Marques da Silva: *Neste mato tem um passarinho, / Passarinho chamado andorinha, / Andorinha caiu na malhada. / Sô Zé Leite, segura a embolada! / Subi no pé de arve, / Pra mata um aribu, / Foi tanta força que eu fiz, / Rasguei a carça no...jueio!*

Novamente, estação de Miguel Burnier. Luzes acesas, cheirinho de café no bule, uma multidão na plataforma. A notícia de que as meninas do Providência passariam por lá, assanhou os jovens. Flerte daqui, flerte dali, acenos tímidos e o aviso do chefe de trem: - *Parada de trinta minutos!* Irmã Maria quase teve uma síncope!:

- *Chegar em Mariana, depois das nove horas?!...*

Pressurosa, começou a desfilar as contas do rosário! Meu Deus, aquela meia hora para nós, alunas do



Providência, eram trinta dias no paraíso. O azul e branco dos uniformes do Colégio tentava misturar-se ao da XV de Novembro, quando a voz da Irmã Maria ecoou: - *Ninguém vai descer do trem! E essa agora!* Repetia a freira. Esprememo-nos nas janelinhas e acanhadas e temerosas ouvíamos os galanteios tímidos dos rapazes. A colega que guardara o bilhete a mim endereçado tentou tirá-lo. Decepção total! As pocinhas de água apagaram a tinta! A colega mais rezadeira da turma sentiu-se realizada e vociferou: - *Bem feito! Desobedecer os superiores é pecado!*

Novas pancadas no sino de trem. Um apito longo: - *Adeeeeeeeus! Tenho de irrrrrrrr!*

Resfolegante, ele bebeu água de novo, pegou o fogo e deslizou sobre as linhas. A escuridão embalou o sonho das alunas do Providência.

Estação de Mariana. Verdadeira festa nos aguarda. Foguetes, toque da União, batidas do sino da Maria Fumaça. Todos festejávamos, a chegada, como nos velhos tempos das cruzadas. Está foi a saga, a aventura das estudantes do Colégio Providência nos trilhos da Maria Fumaça, sob as bênçãos do Bom Jesus de Congonhas e os olhares da saudosa Irmã Maria.



Cobra de Leite

Hebe Rôla

Agora, ao pé da serra que emoldurava o povoado de Pedra do Amor, uma janelinha rosa com cortina de voal indica que as coisas mudaram por lá. É que, ao lado da casa dos pais, Noé Construíra sua casinha para casar-se com Branca, primeira filha de Minguito do Mé.

O casal afoito antecipa a vinda do herdeiro e Minguito do Mé, apesar de contrariado com a situação, fez aquela festa! Não faltaram fogos artesanais, cavaleiros em embaixada para acompanhar os noivos, baile ao som da sanfona e uma comilança prá lá de boa, com direito a maneco-com-jaleco, couvã, cachaça e doces regionais.

Branca, já nos últimos meses sentia dificuldade para caminhar; assim, a mãe e a sogra juntavam-se a ela para terminar o enxoval da criança. Nesses encontros a sogra prenunciava:

- É um menino! A barriga tá pontuda. Mostre a mão, Branca. A nora esticava o braço prontamente; pois - Num falei?! É home! Exclamava exitosa. Virou a parma da mão prá baixo. Grachas a Deus! Muié sofre muito neste mundo de meu Deus.

Noite de São João. Todo povoado comemora o dia do padroeiro com fogueira, busca-pé e outros fogos de artifício, a célebre salva de vinte e quatro tiros de espingarda ou garrucha, canjica, batata, milho assado, pipoca quentão e cachaça. Cada grupo de famílias tenta superar os outros com a fogueira mais alta e a profusão de enfeites.



Branca se prepara para passar descalça, sobre a fogueira, à meia noite, quando sente uma dor insuportável!

- *Gente, minha barriga tá doendo demais! Ai meu Deus!* Dona Benta, conhecendo que eram dores do parto, ordenou:

- *Noé, meu fio, vai busca Dona Virtuosa, mode fazê o parto.* Pressurosa, a sogra prepara trapos limpos, bacia e põe água prá ferver.

- *Noezim qué é nascê. Se nascê hoje vai tê que mudá o nome, respeitá a fuinha, hoje é dia de São João. O Menino vai chamá João Noé.*

As contrações se amiúdam, enquanto os convidados comem, bebem, cantam e dançam.

Lá pelas duas da madrugada, Minguito do Mé coxixa com o sanfoneiro; tomam um bom gole de cachaça e comem alguma coisa. O sanfoneiro em seguida, reabre a sanfona e canta:

- *Tá com sono vai drumi,
Tá com sono vai deitá,
A sanfona tá cansada
De fazê prá lá e prá cá!*

O baile termina e a família se volta para a parturiente.

Noezim nasce forte e faminto.

Dona Benta traz pra nora uma infusão de arruda, artemízia, erva cidreira e cachaça.

Isso é prá tirá as mardade do corpo.

Branca toma um golinho e dorme profundamente.

Nos dias consecutivos era cuidada pela mãe e pela sogra.

- *Mãe de filho home num pode fazê esfolço in ante de corenta dia.* Diziam as acompanhantes.



A nova mãe, muito inexperiente, analfabeta, obedecia “os mais veio”. Tomava sopa de galinha gorda, com farinha de milho salpicada de salsinha, no almoço e no jantar. Não andava sem meias, não molhava os cabelos nem em sonho; não descia escadas e não fazia nenhum trabalho doméstico. Lavar, passar, cozinhar e arrumar a casa eram obrigações da mãe e da sogra, para que Branca não quebrasse o resguardo.

Passou-se a quarentena. A mãe de Noezim estava forte, corada e bem disposta. Já estava pronta para assumir seus afazeres.

Em pouco mais de um mês, Branca passou a queixar-se de profundo sono após o almoço, falta de apetite e de ânimo para trabalhar. Os familiares notaram brusca mudança e começaram a vigiar-lhe os passos. Notaram que Bentinho, também, parecia anêmico e não se desenvolvia.

Às doze horas a mãe de Noezim fechava a casa e ia dormir com ele. Isso não preocupou Dona Benta, pois quem amamenta à noite, tem sono durante o dia.

Seu desânimo era tanto que o mato cobriu o jardim e a horta da casinha de janela rosa com cortina de voal.

Os pais e os sogros de Branca reuniram as duas famílias e vieram realizar a capina e o preparo do terreno para plantio. Clara, sua irmã, cuidaria do jardim:

São Bento água benta

Jesus Cristo no artá.

Arreda o bicho mau

Pro fio de Deus passá.

Deus adiante

Paz no guia

Com a graça de Deus

E da Virge Maria



Começou a capina ainda de madrugada. Terminada a empreitada, Branca solicitou que ela podasse uma touceira de jasmim.

Ao bater a foice, alguma coisa se mexeu por trás da touceira. Destemida, Clara deu outra foiçada. Qual não foi sua surpresa, quando viu o jasmineiro e os demais arbustos e flores cobrirem-se de respingos brancos. Parecia chuva de pedra. E uma enorme cobra estrebuchava ante seus olhos atônitos. Verificou que o líquido que se pulverizava sobre as plantas era leite.

Com a experiência de vida no campo, Clara procurou e seguiu o rastro da cobra. Viu que apesar de fechada, a casa da sua irmã tinha uma abertura no assoalho do quarto do casal, sob a cama. Por aquele caminho a cobra passava, subia na cama, sugava o leite de Branca e punha a cauda na boca de Noezim. Esse era o mistério que causou a perda da saúde de mãe e filho.

Dona Virtuosa “oraculou”:

- Menino que mama no rabo de cobra cresce raivoso, brigão e sempre apronta maldade para os outros.

Assim, Noezim cresceu e iniciou sua saga de desencontros com os pedra-amorenses. Tornou-se chefe temido. Das florestas fez carvão, das aves e outros animais, imigração. Murcharam-se os jardins, as fontes não mais cantarolaram sob o sol; a lua se escondeu, o povo não mais festejou ou sorriu, e o nome Pedra do Amor foi substituído por Cobra de Leite.

Hoje, algum peregrino que casualmente passe por lá, não vê mais a casinha de janela rosa, vê cruzeiros e dores, tristeza e dissabores. — — — — —



Realização:
Academia Marianense
de Letras, Ciências e Artes



Patrocínio:
ALACIB-MARIANA



Apoio:
ALDRAVA LETRAS E ARTES



Acabou-se de imprimir este livro, em Maio de 2021,
sob encomenda da ALDRAVA LETRAS E ARTES, nas
Oficinas da Gráfica e Editora FORMATO, em Belo
Horizonte – Minas Gerais / Brasil.//////////

